

Seja bem-vindo

Se você está lendo este kit de ferramentas, significa que está, no mínimo, intrigado pelo jornalismo de soluções e por como ele pode aprimorar suas habilidades de fazer uma reportagem. Ótimo. Acreditamos que os jornalistas têm muito a ganhar quando analisam as respostas aos problemas.

Uma grande variedade de histórias cativantes simplesmente não é abordada. Por quê? A área do jornalismo tem sido tradicionalmente resistente a ver respostas como um estímulo legítimo para a investigação. Alguns repórteres e editores temem que isso seja percebido como defesa, trivialidade ou relações públicas. Aqui, na Solutions Journalism Network (SJV) – Rede de Jornalismo de Soluções –, nossa missão é mudar essa percepção. Definimos o jornalismo de soluções como uma cobertura rigorosa e convincente de respostas a problemas sociais. A reportagem é feita de acordo com os mais altos padrões jornalísticos.



Já estamos trabalhando com uma rede de mais de 70 redações e milhares de jornalistas para demonstrar que não é necessário temer um jornalismo de soluções robusto. Pelo contrário, trata-se de uma ferramenta importante e subutilizada no bolso de um repórter.

A SJN foi cofundada por David Bornstein e Tina Rosenberg, repórteres veteranos que escrevem a coluna “Fixes” no The New York Times, e Courtney E. Martin, jornalista e escritora que começou assim que a mídia on-line explodiu. Os três tiveram jornadas peculiares — pelas terras agrícolas da Índia, pelos hospitais do Brasil e pelo bairro ‘Ninth Ward’ de Nova Orleans — que os levaram à mesma conclusão: não havia concorrência saudável o suficiente entre os jornalistas para grandes histórias sobre respostas a problemas sociais no mundo.



O pensamento antigo era “podemos comprometer nosso profissionalismo cobrindo soluções”. O novo pensamento é “comprometemos nosso profissionalismo ao não cobrir soluções”. Como jornalistas, nosso trabalho é exibir uma imagem precisa da sociedade. Se não cobrirmos as muitas maneiras pelas quais as pessoas e as instituições estão tentando resolver problemas – sejam eles bem-sucedidos ou não –, falhamos ao desempenhar nosso trabalho. Se apenas cobrirmos os problemas sistêmicos nas escolas, por exemplo, e ignorarmos os modelos que funcionam para melhorar a educação, não estamos contando a história toda.

Muitos de nós nos tornamos jornalistas porque queremos ter um impacto, tornar o mundo melhor. Mas descobrir erros não é a única maneira de causar impacto. É claro que revelar problemas é crucial, mas esse impacto é amplificado se, juntamente aos problemas, relatamos como eles estão sendo resolvidos. Os repórteres na área de educação, por exemplo, produzem histórias contundentes sobre como as escolas públicas estão prejudicando as crianças pobres. Eles teriam mais impacto se também

informassem como algumas escolas estão educando todos os seus alunos e como elas estão conseguindo isso. Esses tipos de histórias estimulam leitores, ouvintes e telespectadores. Mudam o debate público. E mudam as políticas.

As pessoas não mudam apenas porque alguém aponta seus problemas. Precisamos saber que a mudança é possível e ver modelos de como torná-la realidade. As sociedades funcionam da mesma maneira.

Este Laboratório de Aprendizagem de Jornalismo de Soluções foi desenvolvido para quem deseja praticar o jornalismo de soluções. Esperamos que encontre algo valioso nessas páginas, seja você um jornalista veterano que procura revigorar sua abordagem, um cinegrafista em meio de carreira que deseja se reconectar com os motivos originais que o levaram a se tornar jornalista, um estudante de jornalismo que deseja definir sua carreira, ou quem quer que esteja em uma situação intermediária.

O Laboratório de Aprendizagem orienta os usuários na prática do jornalismo de soluções desde a primeira etapa, que é identificar uma resposta que vale a pena investigar, até a última – envolver os leitores na sua matéria depois que ela for publicada. Mas você não precisa navegar nesse recurso do início ao fim, como se fosse um livro tradicional. Você pode escolher as seções que lhe são mais úteis.

Separamos as estruturas de algumas histórias de jornalismo de soluções para ajudar você em períodos de bloqueio criativo. E em todo o kit de ferramentas, você encontrará vídeos e exercícios

interativos que dão vida às abordagens de solução; links para estudos de caso e histórias de modelos do nosso rastreador de histórias de soluções, e conexões com outros recursos em nosso site e em outros locais. Além disso, criamos guias especiais para repórteres especializados em questões de saúde, educação e violência.

Encaramos isto como um documento de trabalho e esperamos o seu retorno. Envie-nos um feedback, seja por e-mail, Twitter ou por via aérea. Todos os conselhos que nos ajudam a melhorar este recurso e o tornam mais útil para a crescente rede de pessoas que praticam jornalismo de soluções são bem-vindos.

Esperamos ouvir você em breve!

Como Sei que é Jornalismo de Soluções?

Aqui estão cinco critérios a serem aplicados ao escrever/produzir uma história orientada para soluções. Nem toda história atenderá a todos esses critérios, e não tem problema – mas esperamos que isto inspire sua reflexão:

CONCENTRA-SE PROFUNDAMENTE NA RESPOSTA A UM PROBLEMA SOCIAL

A prova dos nove: se a história não descreve uma resposta, não se trata de jornalismo de soluções. Essa resposta deve ser explicada no contexto do problema que se está tentando resolver.

Documentar as causas desse problema esclarecerá a oportunidade para que uma solução crie alavancagem e impacto.

2

EXAMINA COMO A RESPOSTA FUNCIONA COM DETALHES SIGNIFICATIVOS

Uma ótima história de soluções se aprofunda nos procedimentos da solução de problemas, investigando perguntas como: “Quais modelos estão sendo bem-sucedidos em melhorar um resultado educacional e como eles realmente funcionam?” A narrativa é guiada pela solução de problemas, e a tensão reside na dificuldade inerente à solução de um problema.

3

CONCENTRA-SE NA EFICÁCIA, NÃO NAS BOAS INTENÇÕES, APRESENTANDO EVIDÊNCIAS DISPONÍVEIS DOS RESULTADOS

O jornalismo de soluções tem a ver com ideias – mas, como todo bom jornalismo, a determinação do que funciona (ou não) tem apoio, sempre que possível, em evidências sólidas. Para ideias em estágio inicial, em que a única "evidência" pode ser a afirmação de observadores confiáveis, a dica é não exagerar.

4

OFERECE NÃO APENAS INSPIRAÇÃO, MAS INSIGHTS QUE OUTROS PODEM USAR

O que torna o jornalismo de soluções atraente é a descoberta – a jornada que leva o leitor ou o espectador a ter uma ideia de como o mundo funciona e, talvez, do que pode ser feito para funcionar melhor.

5

DISCUTE O QUE NÃO ESTÁ FUNCIONANDO NA ABORDAGEM

Não existe uma solução perfeita para um problema social. Toda resposta tem contingências, limitações e riscos. O bom jornalismo de soluções não evita a imperfeição.

8 Comments

Como Sei Que Não É Jornalismo de Soluções?

Descobrimos que para explicar o que é jornalismo de soluções, em geral surge efeito oferecer exemplos do que ele não é. Aqui estão sete tipos de impostores do jornalismo de soluções que todos já vimos na mídia antes.

Culto ao Herói

São histórias que celebram ou glorificam um indivíduo, muitas vezes às custas de explicar a ideia que ele exemplifica. Em vez de falar sobre os méritos de uma abordagem que um indivíduo está seguindo, a matéria pode ser efusiva sobre a decisão de alguém de deixar um emprego bem remunerado para salvar o mundo.

A Solução Milagrosa

Essas histórias são frequentemente vistas nas seções de tecnologia e inovação. Eles descrevem novos gadgets de forma elogiosa, referindo-se a eles, por exemplo, como "salva-vidas". Além disso, uma observação: o dinheiro às vezes é considerado uma solução milagrosa.

O Favor para um Amigo

Às vezes, você pode distinguir esse impostor porque a voz predominante ou única é a da organização que está sendo analisada. Como as histórias de soluções milagrosas, não mostra muito, no sentido de “certezas” – ou seja, condições para o sucesso – e soa como uma matéria de Relações Públicas ligeiramente camuflada.

O laboratório de Ideias (Think Thank)

O jornalismo de opinião pode explorar soluções se possuir reportagens reais sobre as respostas existentes aos problemas (e os resultados). Mas “jornalismo de laboratório de ideias” se refere ao jornalismo que propõe coisas que ainda não existem.

O Ativista Instantâneo

Ao ver a expressão "jornalismo de soluções", muitos pensam que estamos promovendo artigos que pedem ao leitor que clique no botão no final e doe US\$ 5,00 em prol de uma causa. Essas histórias oferecem um apelo emocional e depois pedem apoio para uma causa específica, como um meio de "resolver" o problema.

A Reflexão Tardia

Trata-se de um parágrafo ou de uma frase curta no final de uma história sobre algum problema que exprime os esforços para resolvê-lo. As soluções não são consideradas com verdadeira seriedade, mas lançadas como uma reflexão tardia.

O Reconfortante

Esse tipo de jornalismo é peculiar e único. Aparece frequentemente no final do noticiário da noite ou no Dia de Ação de Graças, mostrando uma criança com uma barraca de limonada ou um cara que fez uma cadeira de rodas para o seu porco amado (o porco, um tanto ironicamente, chama-se "Chris P. Bacon"). Isso diz ao espectador que o mundo tem gente boa fazendo coisas legais, mas não chega às questões estruturais que queremos que o jornalismo de soluções aborde.

Por que Jornalismo de Soluções?

A teoria de mudança predominante no jornalismo é que apontar problemas sociais estimulará a reforma. Os jornalistas agem como denunciadores e expõem irregularidades, mas têm pouco papel a desempenhar além disso.

Acreditamos que essa teoria da mudança é insuficiente.

É cada vez mais inadequado para os jornalistas simplesmente observar o que está errado e esperar que a sociedade crie leis melhores ou supervisione de forma mais adequada. Os problemas do mundo são muito complexos e mudam rapidamente. As pessoas devem tomar conhecimento de exemplos verossímeis de respostas a problemas para se tornarem protagonistas empoderados, exigentes e capazes de moldar uma sociedade

melhor. Nesse contexto, o jornalismo deve aumentar seu papel tradicional, destacando as respostas que se adaptam a males sociais arraigados. Por que você deveria praticar jornalismo de soluções?

Trata-se apenas de bom jornalismo.

Você deve ter notado que nosso mote diz: "A história completa". Acreditamos que o jornalismo de soluções torna o jornalismo existente mais preciso e completo. O jornalismo que não consegue cobrir as respostas aos problemas sociais fornece uma visão imprecisa e tendenciosa da realidade – aquela que pode de fato prejudicar a sociedade. Ao destacar regularmente os problemas e ignorar as respostas a eles, os jornalistas transmitem uma falsa sensação de que as pessoas não tentaram fazer as coisas ou não sabem como fazer melhor.

Aumenta o envolvimento do leitor.

As histórias de soluções costumam ser estruturadas como séries de TV como CSI e House, que se concentram no modo como se fez algo. Por exemplo, alguém alcançou resultados dignos de notícia; o que alguns fizeram que os outros não fizeram? Se bem-feita, essa abordagem da narrativa pode atrair leitores e mantê-los interessados. É mais provável que as histórias de soluções sejam compartilhadas nas mídias sociais. Isso ocorre, em parte, porque elas podem fazer com que os ouvintes se sintam poderosos, menos propensos a ficarem indiferentes e menos apáticos ou cínicos em relação ao problema. Isso é evidenciado em pesquisas

em ciências sociais, bem como naquelas que apoiamos no Engaging News Project.

Pode ter um impacto.

Ao mostrar como diferentes instituições abordam os problemas, o jornalismo de soluções pode promover o discurso público. Em vez do ‘disse me disse’, descobrimos em vários casos que o jornalismo orientado para soluções pode levar a conversas mais construtivas e menos conflituosas. As pessoas não mudam simplesmente porque você aponta os problemas delas. Eles precisam de modelos de mudança – assim como as sociedades.

KIT DE FERRAMENTAS BÁSICAS

Que Tipo de Impacto o Jornalismo de Soluções Pode Ter?

Ao se concentrar no que está dando certo, as histórias orientadas para soluções podem reformular os problemas de uma maneira que desperta novos pensamentos entre os formuladores de políticas, profissionais e membros da comunidade. Aqui estão alguns exemplos:

Chamar a atenção de uma comunidade para estratégias mais eficazes

Rhiannon Meyers escreveu uma série com duração de um ano chamada “Cost of Diabetes” no jornal Corpus Christi Caller-Times. Embora o condado de Corpus Christi tenha a maior taxa de amputações nos EUA, o diabetes foi ignorado e escondido por muito tempo. A série incluiu três histórias orientadas para soluções de comunidades em outras partes dos Estados Unidos que lidaram com mais êxito com o tratamento do diabetes. Meyers disse: “As histórias de soluções... provavelmente obtiveram mais feedback e foram as mais controversas - eu acho, em parte, porque incomodaram os gestores nesta comunidade... [Elas] provavelmente foram as mais significativas de todas as histórias da série. Foram as que mais provocaram discussões sobre o que podemos fazer de diferente e o que não estamos fazendo agora.”

Deslegitimar pretextos para a inércia

Ao mostrar que algo está dando certo em algum lugar, as desculpas pelo fracasso acabam ficando de lado. No início do milênio, os medicamentos para o HIV/AIDS eram tão caros que o vírus era praticamente considerado uma sentença de morte no mundo em desenvolvimento. Tina Rosenberg escreveu uma história para a revista do The New York Times em 2001 que investigava esse problema, mas sob uma ótica diferente. Ela discutia como o Brasil havia reduzido significativamente os preços dos medicamentos para HIV/AIDS e como estava administrando o complexo regime de tratamento. Também trazia uma perspectiva investigativa para expor o comportamento de funcionários do governo dos EUA e de empresas farmacêuticas. A matéria de Rosenberg fez muitos tomadores de decisão questionarem as

alegações usadas na época para justificar os altos preços dos medicamentos e foi citada como um fator que contribuiu para a criação do Fundo Global de Combate à Aids, Tuberculose e Malária.

Expor uma organização a uma ideia poderosa que pode transformar seu impacto

A campanha “ 100.000 Casas” estava tentando aumentar drasticamente as taxas de moradia de pessoas sem teto em todo o país. No segundo ano, ficou claro que a campanha não estava no ritmo adequado para atingir sua meta. Então seus líderes leram uma coluna “Fixes” sobre Rapid Results coluna "Fixes" sobre Rapid Results, uma estratégia para desafiar uma comunidade a se mobilizar e se organizar para atingir metas ousadas em 100 dias. A campanha entrou em contato com o Rapid Results Institute e adotou o processo como estratégia principal, implementando-a em comunidades em todo o país. Em julho de 2014, a campanha anunciou que havia cumprido sua meta de alojar 100 mil pessoas sem teto. Os organizadores dizem que o sucesso foi atribuído diretamente ao trabalho junto ao Rapid Results.

Mudar o eixo da conversa na comunidade e a política oficial

A repórter do Milwaukee Journal-Sentinel, Meg Kissinger, cobriu a área de saúde mental durante grande parte de sua carreira. Mas o maior impacto de seu trabalho veio da série de 2013, “Chronic Crisis”, que documentou como os pacientes continuavam a morrer em decorrência de abuso e negligência, e também relatou métodos de reforma do sistema. Imediatamente após a série, Milwaukee

aboluiu o controle político da política de saúde mental e estabeleceu um Conselho de Saúde Mental suprapartidário de Milwaukee, tendo como membros especialistas em saúde mental. Além disso, o novo orçamento da cidade oferece um grande aumento de repasse à área de saúde mental. “Chronic Crisis” incluiu três histórias focadas em soluções, que Kissinger disse terem sido essenciais para o impacto da série. “Uma coisa é falar de problemas, e há muitos no sistema de saúde mental do Condado de Milwaukee, mas o valor real para os leitores é saber como outra comunidade lida com algo e vira o jogo”, disse ela.

Reimaginar um status quo

E se Michael Lewis tivesse decidido enfrentar a questão do efeito deformante do dinheiro no beisebol, concentrando-se em um time com muito pouco recurso – e, como resultado, perdia constantemente? Alguém teria lido ou aprendido com a história? Em vez disso, ele adotou uma abordagem de soluções – e mudou o esporte para sempre com Moneyball.

KIT DE FERRAMENTAS BÁSICAS

Jornalismo de Soluções no seu Fluxo de Trabalho?



Você está pronto para trazer o jornalismo de soluções para a redação de uma forma sustentada? Aqui estão algumas das melhores práticas obtidas nas colaborações da Solutions Journalism Network com as redações:

Antecipe e evite equívocos

Para muitos jornalistas, a ideia do jornalismo de soluções repercute imediatamente. Mas alguns estão confusos com a abordagem, ou até mesmo com o termo “jornalismo de soluções”, pois se preocupam com o fato de parecer defesa, factóides ou “boas novas”. Alguns simplesmente ficam desconfortáveis ao tentar algo novo.

O Laboratório de Aprendizagem de SJN deve preparar você para afastar esses equívocos sobre o jornalismo de soluções. Para obter mais informações, visite o nosso rastreador de histórias de soluções _ Solutions Story Tracker _ ou inscreva-se em uma oficina presencial em sua redação.

Esteja preparado para reexaminar suas prioridades de cobertura

Problemas gritam; soluções sussurram. Muitas histórias orientadas por problemas – acidentes aéreos, tiroteios policiais, epidemias de doenças e até o rompimento de um encanamento de água – acontecem na sua frente; elas necessitam de cobertura. Muitas vezes, é fácil encontrar aspas para elas. As histórias orientadas para soluções, por outro lado, raramente são notícias de última hora (embora possam ser contadas como suítes das notícias de última hora). Como ocorre em muitas reportagens de negócios, é provável que as respostas que valem uma matéria não tenham cobertura, a menos que os repórteres apareçam deliberadamente e as investiguem.

Para os editores interessados em jornalismo de soluções, a questão é quando investir recursos escassos da redação nessas histórias. Em última análise, significa considerar as perguntas: “Quais são as histórias mais relevantes e valiosas que podemos mostrar para o nosso público?”; “O que está faltando na conversa pública?”; “E que histórias estamos mostrando apenas porque sempre as contamos?”

As pressões por recursos no jornalismo hoje estão levando muitos editores a repensarem as principais premissas sobre as necessidades de cobertura. Em termos práticos, isso talvez signifique fazer perguntas como: “Temos que cobrir a reunião do conselho escolar (de novo)” – ou é melhor nosso repórter dedicar o tempo para examinar como as escolas estão mudando sua

abordagem disciplinar?” Ou “Precisamos focar nos últimos tiroteios locais – ou devemos enviar nosso repórter para uma cidade próxima que tenha uma abordagem que parece eficaz em reduzir a violência armada?”

Busque influenciadores

Identifique editores ou escritores que possam incentivar os colegas a perguntar sistematicamente: “Existe um ângulo que envolve solução nesta história? Quem está fazendo melhor?” Encontre pessoas que tenham forte interesse em trazer o jornalismo de soluções para a redação. Peça a elas para manter o ritmo, mesmo em meio à redução dos prazos diários. Se possível, designe campeões em diferentes mesas para fazer regularmente essas perguntas. Com o tempo, à medida que os repórteres adquirem experiência com o jornalismo de soluções, essa resposta se torna automática. Os repórteres começam a fazer de forma instintiva perguntas que não faziam antes e, naturalmente, tornam-se parceiros nesta abordagem ou mentores de outros.

Proponha uma história ou série

É sempre bom ter em mente algumas ideias de histórias relevantes e factíveis ao apresentar o jornalismo de soluções à equipe da redação. Idealmente, essas ideias devem iluminar o potencial do jornalismo de soluções para construir ou refinar áreas prioritárias de cobertura. A ideia é mover a discussão do hipotético para o operacional – de “Devemos fazer jornalismo de soluções?” para “Que tal esta história?”. Explique como uma história preenche uma lacuna importante na sua cobertura. Em

seguida, pergunte: “Quem trabalhará nisso? Qual é o plano de mídia social?” Incentive os jornalistas a apresentarem histórias orientadas a soluções, mas não espere até lá para começar.

Procure brechas

À medida que as notícias são divulgadas, os repórteres chegam até você com ideias e, conforme os planos de cobertura se desvelarem nas reuniões de pauta diárias, esteja atento às oportunidades de trazer o foco de soluções à cobertura. A pergunta simples "Existe uma perspectiva de solução aqui?" pode rapidamente transformar uma conversa editorial em uma estratégia de notícias mais rica e produtiva.

Defina metas específicas

Como editor, a maneira mais fácil de integrar soluções à sua cobertura é pedir aos repórteres que façam isso e dar tempo a eles. Seja explícito sobre o que você gostaria de ver. Talvez seja pelo menos uma história orientada por soluções a cada mês, ou talvez todo repórter deva incluir a pergunta: "Quem está fazendo isso melhor?" em uma investigação.

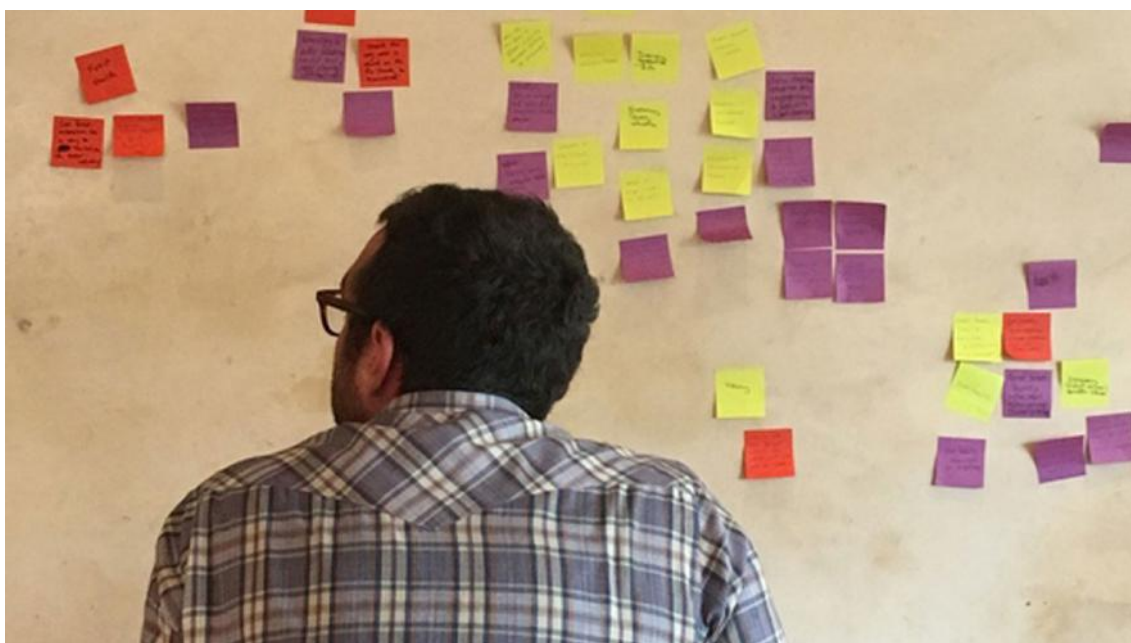
Incentive a busca da qualidade na reportagem de soluções

Os editores podem apoiar ainda mais essa prática premiando repórteres que produzem jornalismo de soluções de qualidade. As recompensas podem ser simplesmente um parabéns por um trabalho bem-feito, uma matéria na primeira página ou o reconhecimento profissional dentro da redação de jornalistas que

ajudam outras pessoas a ver maneiras criativas de se libertar dos velhos hábitos de reportagem. Às vezes, as associações de imprensa e outras organizações do jornalismo realizam premiações: a série “Seeking Safety”, do The Fayetteville Observer, ganhou o primeiro lugar no concurso anual da North Carolina Press Association na categoria de reportagem de negócios. E “Education Lab” (Laboratório de Educação) do Seattle Times ganhou o prêmio inaugural de Excelência em Jornalismo da Associated Press Media Editors pelo engajamento da comunidade.

KIT DE FERRAMENTAS BÁSICAS / COMO ENCONTRAR UMA HISTÓRIA ORIENTADA PARA SOLUÇÕES

Introdução



Muitas pessoas que querem fazer jornalismo de soluções nem sempre sabem por onde começar. Isso ocorre, em parte, porque, como já dito anteriormente, pode ser muito mais fácil identificar

problemas do que soluções. Não é tão difícil encontrar exemplos de problemas generalizados. Mas pode ser trabalhoso encontrar lugares que respondam efetivamente a esses problemas.

É claro que isso não significa que não existem soluções. Só precisamos reorientar a maneira como vemos o mundo, ter mais atenção às soluções atraentes. Aqui estão algumas sugestões sobre onde procurar:

Artigos acadêmicos revisados por pares

Os ensaios clínicos randomizados (ECR), os estudos de caso e as revisões de literatura podem ajudar a revelar o que está funcionando em diferentes esferas. O Google Scholar é um bom começo. Digite algumas palavras-chave (p. ex., saúde bucal dos imigrantes do Missouri) e considere limitar o período na busca. Mesmo a leitura de alguns resumos pode dar uma ideia do novo pensamento em um determinado campo.

Pesquisadores

Se tiver uma oportunidade, tente entrar em contato com os autores de trabalhos acadêmicos relevantes – geralmente não é muito difícil encontrar informações de contato em sites institucionais. Entreviste-os, mesmo que seja apenas para obter informações adicionais. Descubra quais eventos inovadores estão ajudando a definir a área de estudo desses acadêmicos, se existem trabalhos de pesquisa de ponta que vale a pena explorar e se há estrelas acadêmicas em ascensão que merecem ser acompanhadas.

Grandes conjuntos de dados

Os conjuntos de dados (p. ex., o relatório do Global Burden of Disease) podem ajudar a revelar lugares e instituições que têm mais sucesso ao lidar com problemas comuns. Há algo acontecendo nesses locais que pode ser replicado em outro lugar? Isso é conhecido como a abordagem de "desvio positivo" no jornalismo.

Pessoas envolvidas na implementação

Uma distinção entre jornalismo de soluções e jornalismo tradicional é a ênfase no "como". Boas histórias orientadas para soluções relatam não apenas o que está acontecendo, mas também os detalhes minuciosos de como isso é feito. Por esse motivo, geralmente é bom conversar com pessoas envolvidas na implementação direta de uma ideia. Por exemplo, alguém que escreve sobre inovações em creches acharia vital falar com os funcionários desses estabelecimentos que viram a implementação em primeira mão. Como as fontes têm interesse em reivindicar sucesso para si, é necessário mais do que o ceticismo usual.

Redes de inovadores

Grupos como Ashoka, The Aspen Institute, Echoing Green, The Skoll Foundation, The Schwab Foundation, e TEDTED avaliaram milhares de empreendedores e inovadores. As pessoas nessas redes podem ser ótimas fontes de histórias orientadas para soluções. Muitas dessas redes realizam conferências sobre

mudanças sociais, que podem ser um ótimo local para conhecer muitas pessoas nessa lista.

Responsáveis pelos programas nas fundações

As fundações atuam na área da busca de ideias. Muitos responsáveis pelos programas desenvolveram uma profunda compreensão de suas áreas ao longo do tempo – e das ideias que decolaram a partir dali. No entanto, como os representantes das fundações costumam promover em excesso seus patrocinados, pode ser mais útil pergunta-los sobre os programas que não financiam.

Sua própria experiência

Se tiver um tempo, ou se for atraído por um tópico específico, crie uma rede de contatos. As pessoas dessa rede podem falar sobre respostas inovadoras em andamento e apresentar você às pessoas por trás delas.

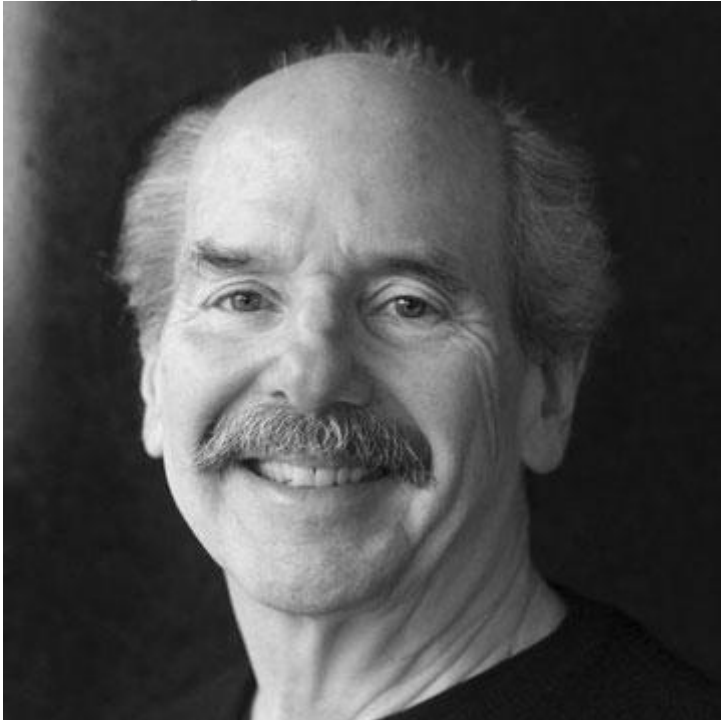
Reflita sobre a sua própria vida

Se você está tendo problemas para avaliar as opções de atividades depois da escola em sua cidade, é provável que outras pessoas também estejam enfrentando a mesma dificuldade. Existem cidades que responderam a esse problema? O jornalismo de soluções não trata apenas de respostas a problemas que "aquelas" pessoas enfrentam em lugares distantes, mas que todos nós enfrentamos – incluindo jornalistas. Algumas das histórias

orientadas para soluções de maior sucesso são baseadas em experiências pessoais.

Essa é a única pergunta que geralmente pode ajudar a apresentar soluções melhores do que qualquer outra. Imagine que você está conversando com um especialista em saúde mental, e a conversa muda para o tratamento inadequado dos doentes mentais no seu estado. Essa pergunta pode dar um novo rumo à conversa.

“Penso em quem na minha cidade saberia de esforços criativos para solucionar problemas. Uma coisa que você pode fazer é ir às fundações da comunidade e perguntar a elas. Outra, seria pensar em tópicos específicos que lhe interessam. Depois ligue para as pessoas dessa área e pergunte a elas quem está tentando resolver esse problema.”



Daniel Zwerdling
NPR

Daniel Zwerdling
NPR

Reportagens Instrutivas sobre Fracassos



De certa forma, a expressão “jornalismo de soluções” é um pouco inadequada. Para muitas pessoas que escutam isso pela primeira vez, a palavra “soluções” implica que o jornalista está reivindicando que algo é a solução. (Esperamos que, a essa altura, você tenha sido dissuadido dessa noção.)

Na verdade, estamos interessados em fazer com que os jornalistas cubram as respostas aos problemas, independentemente do quanto eles estejam trabalhando bem. Os jornalistas devem ter uma visão clara sobre o que está funcionando nessas respostas e o que não está. O principal objetivo das histórias de soluções é fornecer insights práticos para a sociedade sobre como um

problema, ou problemas semelhantes, podem ser tratados com mais êxito.

Por esta definição, seria possível levar um foco em soluções para uma resposta aparentemente mal-sucedida – desde que torne a sociedade mais inteligente de alguma forma. Aqui estão algumas maneiras para se fazer exatamente isto:

Compare o fracasso com uma alternativa semelhante e mais bem-sucedida.

Infelizmente, o vírus Ebola se espalhou rápido por grande parte da África Ocidental no verão de 2014. Havia muitas histórias importantes escritas sobre a situação de países como Serra Leoa. Mas em agosto, Catherine Byaruhanga, da BBC, fez uma reportagem sobre Uganda, na África Oriental, que controlava o vírus por meio de um sistema de monitoramento de saúde. Sua história teve um papel único em informar a comunidade internacional sobre o potencial de melhoria.

Verifique se o fracasso é instrutivo.

Ao entrevistar as pessoas sobre uma resposta mal-sucedida, pense em perguntar: “O que os outros podem aprender com isso? O que poderia ter sido feito de maneira diferente?” Essas perguntas podem levar suas reportagens para além de uma história típica sobre uma resposta inadequada.

Permita-se estar aberto a tons de cinza.

Poderíamos argumentar que apenas raramente algo poderia ser classificado como um fiasco completo – ou, por outro lado, um sucesso total. Se você observar um problema com granularidade suficiente, haverá tons de cinza. Como exemplo, a matéria de Jeffery J. Silingo no The New York Times que examinou o que jornalista chamou de “ciclo de hype” em volta dos MOOCs (massive open online course), ou cursos abertos on-line, conclui que, embora tenham fracassado em atender às expectativas infladas de democratização da educação, eles “se tornaram um suplemento importante para a aprendizagem em sala de aula e uma ferramenta para o desenvolvimento profissional.”

Discuta por que as pessoas são atraídas para uma ideia que falhou.

Isso é particularmente relevante se você planeja derrubar a falácia de uma ideia que atraiu muitos olhos e/ou dinheiro do investidor. Tomemos como exemplo os sapatos da TOMS, uma das primeiras e mais populares empresas de “um por um”, ou seja, para cada par vendido, um é distribuído para alguém necessitado. Muitos consumidores pensaram que esse modelo era uma maneira brilhante de fazer compras, fazendo do mundo um lugar melhor. No entanto, reportagens cuidadosas mostram que a construção de fábricas locais de calçados teria mais impacto do que a doação de sapatos produzidos no exterior. Uma história completa sobre as falhas da TOMS deve incluir uma discussão sobre o motivo de ter sido recebida com tanto entusiasmo. (Nesse caso, os consumidores bem-intencionados ficaram mais inteligentes, e a TOMS realmente mudou seu modelo de negócios.)

Porções



Apesar da ênfase no jornalismo de dados nos últimos anos, alguns jornalistas ainda evitam grandes conjuntos de dados. E quando os jornalistas se voltam para os dados, em geral é para investigar um evento negativo atípico. Os dados normalmente informam perguntas jornalísticas como: “Qual cidade tem a pior taxa de criminalidade?”; “Onde a governança é a mais fraca?”; “Onde estão as maiores desigualdades raciais e econômicas?”.

Sugerimos uma maneira diferente de os jornalistas usarem os dados – explorar desvios positivos ou porções de um conjunto de dados que levem aos de melhor desempenho. Por exemplo: “Qual hospital no Texas tem a menor taxa de infecção?”; “Em qual estado

a reincidência é a mais baixa?"; "Qual país tem a maior participação de mulheres no governo?".

Um desvio positivo é um sinal de que algo que vale a pena ser noticiado deveria estar acontecendo. O trabalho do jornalista é contar a história por trás do desvio positivo – e, ao fazê-lo, descobrir informações que podem ser valiosas para as pessoas de todos os lugares. Talvez o hospital do Texas tenha encontrado uma maneira de incentivar as enfermeiras a falar quando um médico não lava as mãos. Talvez as autoridades penitenciárias estaduais tenham começado a prestar serviços de saúde mental e tratamento de uso de drogas a prisioneiros libertados recentemente. Essas são histórias importantes. (Dito isso, um desvio positivo também pode significar nada. Pode ser uma peculiaridade nos dados, uma função da demografia ou uma medição imprecisa. Como dissemos, o trabalho do jornalista é descobrir algo!).

O jornalismo com desvio positivo trabalha de trás para frente a partir dos resultados dos dados. Alguns jornalistas hesitam em tentar jornalismo de soluções porque temem ser rotulados como 'advogados de uma causa' (advocates) ou um profissional de Relações Públicas. Mas, com o jornalismo com desvio positivo, os dados guiarão você para uma história – e, portanto, refutarão qualquer confusão que possam vir a fazer com a promoção de uma bandeira (advocacy).

Da próxima vez que você olhar para um conjunto de dados, aqui estão algumas maneiras de dividi-lo em porções de modo a

encontrar um desvio positivo notável. Esta tabela não pretende ser exaustiva, mas tem como objetivo estimular um pouco a sua imaginação.

MUDANÇA AO LONGO DO TEMPO	Qual lugar fez melhorias dignas de nota?	High poverty, high test scores: Auburn school is a shouting success <i>The Seattle Times</i>
COMPARAÇÃO COM OS PARES	Qual lugar está fazendo melhor do que seus pares comparáveis?	Live From Woodburn High <i>OPB FM</i>
MÉTODO/MELHORES PRÁTICAS	Qual lugar está tendo sucesso com novas ideias inovadoras?	From Class to Career <i>WAMU Breaking Ground</i>
ABRANGÊNCIA	Qual local expandiu consideravelmente o acesso a uma solução?	How One School District Used Buses to Bring the Internet Home <i>Pacific Standard</i>
SUBGRUPO	Qual local melhorou os resultados para uma população em particular?	MPS looks to Oakland model to work differently with African-American Boys <i>MinnPost</i>
POLÍTICA	Que governo instituiu novas políticas bem-sucedidas para resolver um problema?	Los Angeles policy shift yields decline in school suspensions <i>Los Angeles Daily News</i>

INIQUIDADE	Qual local reduziu as iniquidades raciais, geográficas ou socioeconômicas nos resultados?	Northfield program shrinks Latino achievement gap <i>MPR News</i>
CUSTO	Qual local manteve um bom serviço e, ao mesmo tempo, reduziu os custos?	How this private college maintains a \$1 billion endowment without charging tuition <i>Business Insider</i>

KIT DE FERRAMENTAS BÁSICAS / COMO ENCONTRAR UMA HISTÓRIA ORIENTADA PARA SOLUÇÕES

Trazendo uma Perspectiva de Soluções para Matérias Curtas

Você tem um dia para fazer uma matéria de 500 palavras. Ou você tem três horas para montar uma transmissão de 1 minuto. Como você pode integrar nelas uma mentalidade de soluções?

O jornalismo de soluções padrão-ouro é demorado e intenso. Muitas das dicas que oferecemos em outros veículos são mais adequadas para matérias de grande formato (long-form features) ou textos narrativos. Porém, encontramos diversas maneiras de

trazer um foco de soluções em matérias para as quais você não tem assim um vasto espaço.

1. Matérias curtas de soluções funcionam particularmente bem nos casos em que o problema é bem conhecido. Considere os percevejos, por exemplo, que há alguns anos estavam espalhados pela cidade de Nova York. Um repórter do AM New York – um jornal gratuito distribuído no metrô – dedicou uma frase ao problema e conseguiu pular diretamente para as melhores notícias: que o número de percevejos diminuía maciçamente, graças, em grande parte, ao esforço multifacetado da cidade em erradicá-los. Em 576 palavras, o autor abordou muitas das nossas "10 perguntas".
2. Escolha um assunto para os quais existam dados para provar que isso funciona. Aí você não precisa gastar muito tempo ou palavras nesse caso – você pode ir direto ao assunto do ‘como funciona’.
3. Os repórteres setoristas também podem publicar rapidamente histórias de soluções, cobrindo programas locais com bons registros. O conhecimento especializado na sua área permite economizar muito tempo com as reportagens. Aprofundaremos isso mais adiante.
4. Algumas respostas são menos complexas que outras, tornando-as adequadas para uma matéria pequena. Por exemplo, um [artigo do Atlantic CityLab](#) explorou como os brasileiros estão cada vez mais batendo recordes com filmagens em seus celulares quando testemunham a brutalidade policial. Isso está

gerando maior responsabilização por parte da força policial do país, notoriamente militarizada.

5. KIT DE FERRAMENTAS BÁSICAS / COMO ENCONTRAR UMA HISTÓRIA ORIENTADA PARA SOLUÇÕES

6. Jornalismo de Soluções e Investigações

7. De muitas maneiras, a reportagem investigativa é um veículo ideal para o jornalismo de soluções. O mecanismo das reportagens é essencialmente o mesmo nos dois casos: os repórteres devem entender não apenas o que aconteceu, mas como e por que aconteceu.
8. Se bem feito, o jornalismo de soluções pode fortalecer as investigações mais contundentes. É uma maneira de responsabilizar os agentes públicos não apenas pelas coisas ruins que eles podem estar fazendo, mas também pelas coisas boas que eles não estão tentando fazer. Descrever exemplos de sucesso afasta quaisquer desculpas pelo mau comportamento. Geralmente, é também uma maneira mais leve e amigável de fazer uma reportagem sobre um assunto deprimente.
9. Aqui estão duas maneiras de acrescentar um foco de soluções à sua próxima série de reportagens investigativas:



10.

11. **Compare sua exposição investigativa com uma história de soluções**
12. Reforce sua exposição ao relatar também sobre um local próximo ou comparável que está melhorando. Muitas séries investigativas fazem uma menção superficial e precipitada das melhores respostas. Não desperdice essa história! Use-a para explorar profundamente por que essa resposta funciona e o que os outros podem aprender com ela.
13. Katharine Mieszkowski, do Center for Investigative Reporting, investigou a dificuldade que os pais da Califórnia enfrentam ao procurar informações fundamentais sobre a confiabilidade de potenciais cuidadores infantis. Esse foi um primeiro passo crítico para responsabilizar os formuladores de políticas. Mas, como em tantas investigações, foi apenas o primeiro passo. Apontar a inadequação do sistema ultrapassado da Califórnia provocou indignação, mas não

ofereceu respostas para o que os pais preocupados poderiam reivindicar em vez disso.

14. Courtney Martin fez depois uma reportagem em Indiana, um estado em que os inspetores estão usando as tecnologias mais modernas – incluindo tablets em campo – e os administradores estão estruturando serviços on-line, presenciais e telefônicos, para que pais ocupados e sobrecarregados possam obter as informações necessárias para manter seus filhos em segurança. Agora, os pais da Califórnia não apenas têm o conhecimento do que não está funcionando, mas um exemplo viável para avaliar quando eles exigem melhores serviços.

15. **Estruture a sua investigação com uma história de soluções**

16. Digamos que você esteja expondo um mau comportamento. Por exemplo, os lobistas do setor de casas de repouso convencem as legislaturas estaduais a serem brandas em casos de abuso nestes espaços. Ou a indústria prisional privada realiza uma campanha de Relações Públicas que impede os estados de instituírem tribunais para dependentes químicos e outras alternativas à prisão.

17. Algum lugar conseguiu se opor a essa pressão para fazer a coisa certa? Nesse caso, você pode contar a história dos esforços bem-sucedidos de um lugar para questioná-la. No processo, você pode relatar tudo o que colocaria em uma narrativa com estrutura mais tradicional. Em nossa seção sobre reportagem e impacto de soluções, falamos sobre como Tina

Rosenberg fez exatamente isso em sua investigação da forma como o Brasil lidou com a epidemia de HIV/AIDS na virada do século.

18. O desafio das reportagens é essencialmente o mesmo nos dois casos: os repórteres devem entender não apenas o que aconteceu, mas como e por que aconteceu.
19. Se bem feito, o jornalismo de soluções pode fortalecer as investigações mais contundentes. É uma maneira de responsabilizar os agentes públicos não apenas pelas coisas ruins que eles podem estar fazendo, mas também pelas coisas boas que eles não estão tentando fazer. Descrever exemplos de sucesso afasta quaisquer desculpas pelo mau comportamento. Geralmente, é também uma maneira mais leve e amigável de fazer uma reportagem sobre um assunto deprimente.
20. Aqui estão duas maneiras de acrescentar um foco de soluções à sua próxima série de reportagens investigativas:
21. **Compare sua exposição investigativa com uma história de soluções**
22. Reforce sua exposição ao relatar também sobre um local próximo ou comparável que está melhorando. Muitas séries investigativas fazem uma menção superficial e precipitada das melhores respostas. Não desperdice essa história! Use-a para

explorar profundamente por que essa resposta funciona e o que os outros podem aprender com ela.

23. Katharine Mieszkowski, do Center for Investigative Reporting, investigou a dificuldade que os pais da Califórnia enfrentam ao procurar informações fundamentais sobre a confiabilidade de potenciais cuidadores infantis. Esse foi um primeiro passo crítico para responsabilizar os formuladores de políticas. Mas, como em tantas investigações, foi apenas o primeiro passo. Apontar a inadequação do sistema ultrapassado da Califórnia provocou indignação, mas não ofereceu respostas para o que os pais preocupados poderiam reivindicar em vez disso.
24. Courtney Martin fez depois uma reportagem em Indiana, um estado em que os inspetores estão usando as tecnologias mais modernas – incluindo tablets em campo – e os administradores estão estruturando serviços on-line, presenciais e telefônicos, para que pais ocupados e sobrecarregados possam obter as informações necessárias para manter seus filhos em segurança. Agora, os pais da Califórnia não apenas têm o conhecimento do que não está funcionando, mas um exemplo viável para avaliar quando eles exigem melhores serviços.
25. **Estruture a sua investigação com uma história de soluções**
26. Digamos que você esteja expondo um mau comportamento. Por exemplo, os lobistas do setor de casas de repouso convencem as legislaturas estaduais a serem brandas em casos

de abuso nestes espaços. Ou a indústria prisional privada realiza uma campanha de Relações Públicas que impede os estados de instituírem tribunais para dependentes químicos e outras alternativas à prisão.

27. Algum lugar conseguiu se opor a essa pressão para fazer a coisa certa? Nesse caso, você pode contar a história dos esforços bem-sucedidos de um lugar para questioná-la. No processo, você pode relatar tudo o que colocaria em uma narrativa com estrutura mais tradicional. Em nossa seção sobre reportagem e impacto de soluções, falamos sobre como Tina Rosenberg fez exatamente isso em sua investigação da forma como o Brasil lidou com a epidemia de HIV/AIDS na virada do século.

28. IT DE FERRAMENTAS BÁSICAS / EXAMINANDO UMA HISTÓRIA ORIENTADA PARA SOLUÇÕES

29. Introdução

30. Nesta fase, provavelmente você já tenha encontrado a origem de uma história convincente. Como você sabe se é boa?

31. Como em qualquer história, você terá que examinar a ideia.

32. Em primeiro lugar, siga as regras do bom jornalismo. Tente encontrar diversas perspectivas distintas ao relatar uma história. Entreviste pessoas que não têm um interesse velado

no resultado da intervenção. Pense em onde suas fontes obtêm financiamento.

33. O julgamento necessário para identificar uma boa história de soluções é semelhante àquele necessário para identificar uma boa história sobre algum problema: o que aconteceu e como sabemos que isto aconteceu? A diferença está nas consequências que percebemos dos erros. No jornalismo, dizer que algo é um problema e errar é uma irresponsabilidade. Dizer que algo está funcionando e errar é um crime. Chamar um jornalista de "excessivamente crédulo" é uma das piores caracterizações que se pode fazer deste profissional. Como se evita isso?

34. ***NÃO EXAGERE.***

35. Não insinua que o problema está resolvido – provavelmente não está. Não anuncie que esta é a melhor solução – não dá para você saber disso. Não preveja que vai durar – isso pode muito bem não ocorrer. Limite-se a relatar as notícias: há algo acontecendo, e aqui está o que as evidências dizem. Como em uma história tradicional, "evidência" não são apenas dados. Também pode ser encontrada em entrevistas, em reportagens em que os jornalistas gastam sola de sapato – todas as maneiras pelas quais eles coletam informações. Nenhuma solução é perfeita. Certifique-se de relatar suas limitações e lutas.

36. A cautela protege. Você não precisa se preocupar em parecer um ativista se não fizer alegações. Se a solução fracassar alguns

meses depois, você não parecerá ingênuo, porque simplesmente cobriu o que estava acontecendo naquele momento.

37. Essas diretrizes também te dão alguma liberdade também. Você não precisa tentar classificar e comparar soluções para encontrar aquela mais bem-sucedida. Você é livre para escrever sobre soluções que são apenas parcialmente bem-sucedidas – ou até malsucedidas –, desde que seja um fracasso interessante ou importante, e você possa explicar ao leitor por que as está cobrindo (consulte a nossa seção sobre fracassos). Você está apenas procurando uma boa história.

38. PULAR PARA

39. » [Fracasso](#)

40. ***OBTENHA A VISÃO OPOSTA.***

41. É muito importante em uma história de soluções incluir céticos informados. Ouvir e incorporar diferentes pontos de vista – em especial quando se trata de um assunto relativamente não comprovado – dará mais peso ao seu jornalismo.

42. ***USE OS DADOS PARA TRABALHAR DE TRÁS PARA FRENTE, A PARTIR DO RESULTADO, QUANDO POSSÍVEL.***

43. Conforme indicado na seção “Porções”, isso proporciona um nível de conforto. Dito isso, lembre-se de que, mesmo com números, pode haver alguns interesses velados na sua coleta e divulgação.

44. PULAR PARA

45. » [Porções](#)

46. Seja ultracauteloso. As suas fontes provavelmente irão se apressar para falar com você sobre uma história de soluções. Mas você não deve se apressar para acreditar no que eles dizem. Obtenha as evidências que apoiem qualquer alegação de sucesso.

47. KIT DE FERRAMENTAS BÁSICAS / EXAMINANDO UMA HISTÓRIA ORIENTADA PARA SOLUÇÕES

48. Boas Histórias de Soluções...

49. **concentram-se mais no que está acontecendo do que em quem está por trás disso.**

50. As boas histórias de jornalismo de soluções têm personagens, como qualquer história. Mas a realização em si geralmente é o personagem principal.

51. ... **respondem a muitas perguntas "como...?".**

52. Além de perguntar os quatro W's (quem, o quê, quando, onde, e por quê), descubra como. Elas mergulham no âmago da questão de como a mudança acontece. David Bornstein, cofundador da SJK, explica: "Quando eu estava fazendo entrevistas para o meu livro *The Price of A Dream: The Story of the Grameen Bank* (O preço de um sonho: A história do

Grameen Bank), eu tinha uma lista de 60 perguntas que começavam com 'como'. “Como você financiou essa ideia? Como você percebeu que as pessoas pagariam seus empréstimos? Como você decidiu fazer com que os grupos tivessem cinco membros? Como você reagiu quando os mulás intimidaram os mutuários?”

53. ... não se esquivam de detalhes.

54. Quando Peg Tyre escreveu “The Writing Revolution,” que explorou como o currículo baseado na escrita levou a melhorias incríveis nas notas dos testes em uma escola do ensino médio de Staten Island, seus editores no The Atlantic estavam preocupados no início com o fato de que o nível de detalhe que ela queria incluir na matéria era muito rocambolesco e acabaria por afastar os leitores. “De jeito nenhum”, Peg respondeu. “É como House, a série de TV. Os detalhes dão vida às histórias.” Vimos em histórias orientadas para soluções que os detalhes geralmente agregam interesse e credibilidade.

55. ... colocam personagens em cena.

56. As histórias orientadas para soluções tendem a se concentrar menos nas qualidades intrínsecas de um personagem (p. ex., altruísmo ou coragem) e mais no trabalho dele. Mostre um personagem tentando solucionar um problema e fracassando ou sendo bem-sucedido. Mostre os resultados dos personagens e a forma como isso difere do que os outros fazem. Mostre o que se pode aprender com isso. Isso tem o

benefício adicional de fornecer cenas dinâmicas e uma narrativa forte.

57. **... fisga o leitor através da tensão.**

58. Toda história boa necessita de tensão, mas não precisa vir do confronto de dois lados, como costuma ser o padrão da mídia atual. Em uma história orientada para soluções, a tensão também raramente ocorre em: "Eles terão sucesso?" Isso em geral está implícito na manchete ou no lide. Em vez disso, a tensão reside no fato de responder às perguntas: "Como eles resolverão esse problema que atrapalhou diversas pessoas? Como eles superaram os obstáculos no caminho?"

59. KIT DE FERRAMENTAS BÁSICAS

60. Está Realizando Entrevistas para uma História Orientada para Soluções?



61.

62. O jornalista convencional é ensinado a relatar sobre os 5 W's: quem, o quê, quando, onde e por quê. Obviamente, esses são elementos fundamentais para qualquer investigação, esteja você cobrindo uma reunião de pais e mestres ou um ataque aéreo.

63. Mas, ao explorar o impacto e o potencial das respostas a problemas sociais, é fundamental que os jornalistas se mova além das reportagens básicas e examinem algumas das nuances da promoção de mudanças sociais.

64. Presumindo que você já tenha examinado a história para apresentá-la (consulte as seções sobre exame e abordagem), é hora de entrevistar uma ampla gama de partes interessadas, incluindo aqueles que adotam a solução, quem é diretamente afetado, detratores, financiadores, pesquisadores e mais. Ao se preparar para essas entrevistas, considere elaborar algumas novas perguntas para seus diversos especialistas:

65. **Substitua "Quem fez?" por "Como se fez?"**
66. No jornalismo de soluções, o que mais importa não são as peculiaridades e qualidades do personagem principal, mas a sabedoria transferível encontrada em suas ações. Como uma pequena organização revolucionou a maneira como uma cidade recicla? Quais são os passos lentos e sistemáticos que foram tomados? Quais são as lições que podem ser ensinadas?
67. É fundamental que você se aprofunde nos detalhes dos processos utilizados pelas pessoas ao transformar grandes ideias em sucessos reais e mensuráveis. Às vezes, isso acaba afastando as suas fontes – eles podem não estar acostumados a isso. Continue sondando! Você precisa ser muito cauteloso com relação a como extrair as informações mais importantes sobre o processo, ou sua fonte pode omitir detalhes realmente esclarecedores. É apenas com a compreensão da verdadeira essência de uma resposta que se pode explicar o que a faz funcionar (ou não) e transmitir esse aprendizado aos seus leitores.
68. **Além de "Quais são os resultados?", pergunte "Quais medidas são mais importantes?"**
69. As organizações podem inundar você com métricas o dia todo, mas se estas não espelham a medida mais fundamental da mudança, você pode perder o foco.

70. **Além de “O que os especialistas pensam?”, pergunte “O que as pessoas diretamente afetadas por este modelo pensam?”**
71. Sempre que possível, tenha uma boa conversa com as pessoas no local, além de alguns dos suspeitos habituais (membros de think tanks, professores, líderes de pensamento).
72. **Substitua: “Está funcionando?” por “De que maneira isso está sendo bem-sucedido e de que forma está fracassando?”**
73. A mudança social é complexa. Nossas reportagens devem refletir essa complexidade.
74. KIT DE FERRAMENTAS BÁSICAS / ‘VENDENDO’ UMA HISTÓRIA ORIENTADA PARA SOLUÇÕES

75. Introdução

76. Nossos amigos do The Op-Ed Project resumiram da melhor forma possível. Toda boa estratégia de convencimento (pitch) precisa responder a três perguntas básicas:
77. ***E DAÍ?***
78. Como essa história em particular se relaciona a discussões maiores que as pessoas estão tendo? Como isso afeta a vida do leitor? Quais são os quadros mais amplos?

79. 2

80.

81. ***POR QUE AGORA?***

82. Qual é a novidade? Por que essa história deve ser escrita e publicada agora, em oposição à semana passada ou daqui a um ano? Pense em aniversários, feriados, tendências, eventos atuais etc.

83. 3

84.

85. ***POR QUE EU?***

86. O que há no seu background que o torna particularmente indicado para fazer essa matéria? Mostre a sua credibilidade e faça isso rápido.

87. Mas vamos ser sinceros, essas três perguntas são apenas uma base; apresentar uma história orientada para soluções é um processo muito mais complexo, porque algumas soluções ainda são suspeitas para alguns editores. Se você está tentando 'vender' uma história orientada para soluções, aqui estão algumas coisas que você deseja sinalizar muito claramente em sua troca de mensagens concisa e clara:

88. Indicadores de que você já descobriu de que se trata de uma resposta que vale a pena investigar mais. Pense em dados concretos, várias fontes confiáveis, coisas que ajudem o editor a ver rapidamente que você está investindo em uma investigação rigorosa.
89. Quaisquer limitações potenciais da resposta que você já percebeu. Isso ajudará o editor a entender que você não está planejando escrever uma matéria recomendada (fluff piece).
90. Uma pequena lista dos tipos de especialistas conceituados que você pode entrevistar. Pense em estudiosos, em pessoas que trabalham na linha de frente há anos, em clientes que usam um produto e em outras coisas. Isso ajuda o editor a concluir que você está falando sério quando se trata de suas reportagens – você não planeja apenas entrevistar os benfeitores e dar seu trabalho por encerrado.
91. E, claro, não esqueça as coisas superbásicas: inclua seu número de telefone e e-mail com sua assinatura. Certifique-se de incluir hiperlinks para as matérias que você fez anteriormente, para que o editor possa examinar rapidamente seu trabalho. E insista, depois de uma semana, se você não obtiver um retorno. Todos os editores estão sobrecarregados. A maioria aprecia que você o lembre de algo de forma educada.
92. KIT DE FERRAMENTAS BÁSICAS / 'VENDENDO' UMA HISTÓRIA ORIENTADA PARA SOLUÇÕES

93. 'Vendendo o seu peixe' (pitch)

94. Aqui está um exemplo de 'pitch' de história orientada para soluções que atinge todas os destinatários:

95. Querida Susan,

96. Gostei da recente cobertura do CureViolence na revista. Uma abordagem epidemiológica para acabar com o conflito é uma resposta emergente fascinante à violência urbana, e estou entusiasmada para acompanhá-la, já que continua crescendo.

97. Eu gostaria de escrever uma matéria que examina outro modelo, este originário do leste de Los Angeles, sob a liderança do padre jesuíta Padre Greg Boyle. Em vez de ver a violência como uma doença, como o Dr. Gary Slutkin e sua equipe fazem com o CureViolence, o padre Greg Boyle enxerga isso como um imperativo cultural. Sem "rampas de saída", como ele as chama, na forma de empregos, habilidades emocionais etc., os jovens que crescem cercados pela violência têm pouca escolha a não ser se envolver-se com ela. A Homeboy Industries funciona com o pressuposto de que não é suficiente "interromper" a violência, mas, em essência, substituir seu poder por projetos que valorizam mais a vida.

98. É o maior programa de reabilitação de membros de gangues do país, atendendo a mais de 12 mil pessoas a cada ano. A organização informa que custa entre US\$ 20-44.000 para

fornecer uma gama completa de serviços e treinamento para um jovem; a detenção de menores no condado de Los Angeles custa, em média, US\$ 100-150.000.

99. Apesar do que parecem ser 25 anos de intervenção bem-sucedida, a Homeboy Industries tem tido dificuldade com o financiamento nos últimos anos. Gostaria de analisar os motivos e também investigar as limitações locais desse modelo, que parece não ter sido muito bem dimensionado.

100. Aguardo o seu retorno.

101. Jane

102. KIT DE FERRAMENTAS BÁSICAS

103. Trazendo um Foco de Soluções para a Sua Especialidade

104. Se você é um repórter especializado, aqui estão alguns modos de trazer um foco de soluções para o seu trabalho cotidiano:

105. ACOMPANHE UM PROGRAMA LOCAL.

106. Como mencionado anteriormente, uma história de soluções é uma boa maneira de conquistar leitores que tendem a 'pular' as páginas de uma reportagem mais convencional sobre um assunto "muito deprimente", como a violência armada. Apenas

se certifique de entrevistar uma grande variedade de pessoas. Greg Barnes, do Fayetteville Observer, usou essa abordagem ao investigar como o programa “Second Chance” da Geórgia ajudou adolescentes violentos a recomeçar e economizou US\$ 4 milhões em três anos. Uma chave para essas histórias é se concentrar no modelo usado pelo programa local em seu contexto, e não no próprio programa. Isso ajudará a soar menos como uma matéria de Relações Públicas.

107. LOCALIZE UMA SOLUÇÃO DE OUTRO LUGAR.

108. Isso envolve alterar a definição de “notícias locais” de algo que está acontecendo na sua cidade para algo relevante para a sua cidade. Meg Kissinger, repórter do Milwaukee Journal-Sentinel, comparou o problemático sistema de saúde mental da cidade dela aos programas inovadores de vigilância em Houston.

109. COMPARE DOIS CASOS.

110. Se algo fracassou em um lugar e deu certo em outro, o que fez a diferença? Keegan Kyle, do Orange County Register, pesquisou os esforços fracassados de Santa Ana para lidar com a prostituição. Ele então comparou o histórico de Santa Ana com uma estratégia bem-sucedida nos arredores de Anaheim. O que explica a diferença? Como, se possível, Santa Ana poderia aprender com Anaheim?

111. TRATE HISTÓRIAS DE SOLUÇÕES COMO SE FOSSEM OBITUÁRIOS.

112. O New York Times tem centenas de obituários pré-escritos. Quando uma pessoa famosa morre, o jornal complementa obituário com alguns parágrafos e pode publicá-lo rapidamente. Da mesma forma, existem muitas histórias interessantes sobre soluções que podem ser pré-pesquisadas. E então, quando surgem as reportagens de desemprego, por exemplo, você poderá publicar rapidamente algo sobre cinco empresas americanas que estão sendo bem-sucedidas ao lidar com a força de trabalho global em constante mudança.

Estruturando uma História Orientada para Soluções

No fundo, o jornalismo de soluções é apenas um bom jornalismo. Dito isso, as histórias de soluções geralmente são estruturadas de maneira um pouco diferente. Essa diferença é suficiente para ser assustadora para repórteres acostumados ao jornalismo convencional. Portanto, nesta seção, anotamos quatro tipos de estruturas de histórias de soluções: uma que explora um desvio positivo, uma que explica uma grande ideia nova, uma que discute um experimento em andamento e outra que explora como um local se transformou.

EXCEÇÃO POSITIVA

“How Rochester Responded to its Lead Poisoning Problem” (Como Rochester respondeu ao seu problema de envenenamento por chumbo), que apareceu na série “Toxic Neglect” (Negligência tóxica) do Cleveland Plain Dealer, em outubro de 2015, explora um “exceção positiva”: Rochester, Nova York. Histórias de exceção positivas, incluindo esta, geralmente apresentam um ingrediente secreto. Nesse caso, os autores Rachel Dissell e Brie Zeltner dizem: “O que separa a abordagem de Rochester daquela de outras cidades que combatem o envenenamento de crianças por chumbo é simples: a cidade decidiu começar a procurar chumbo em casas de aluguel em vez de esperar para agir quando uma criança já tivesse sido envenenada.” A história também conta com dados para mostrar o sucesso de Rochester, outra pedra de toque desse tipo de jornalismo.

GRANDE IDEIA NOVA

“Para alguns, o fato de o cuidado pré-natal ser um assunto da comunidade” desafia as noções tradicionais de pré-natal. Esta matéria de multimídia, publicada na série “Ninth Month” (Nono mês), da Public Radio International, acompanha um programa pré-natal do grupo chamado “Centering Pregnancy”. A matéria é escrita por Shuka Kalantari. Assim como em muitas matérias orientadas para soluções que exploram grandes ideias inovadoras, Kalantari começa com um ‘aperitivo’ do que o programa oferece.

Em seguida, ela volta para explicar qual é o problema (neste caso, depressão entre imigrantes latinas grávidas na Califórnia) e como esse programa ajuda a resolver essas questões.

EXPERIMENTO EM ANDAMENTO

Às vezes, os repórteres têm a oportunidade de cobrir um programa em andamento que possui prós e contras evidentes. É o caso de "[Less lecturing, more doing: New approach for A.P. classes](#)" [Menos palestras, mais realizações: nova abordagem para as aulas de Advanced Placement (AP)], voltadas para auxiliar os jovens a entrar em uma universidade, que apareceu na série "Education Lab" (Laboratório de Educação) do Seattle Times, em março de 2014. A autora, Linda Shaw, narra um novo estilo de dar aulas de um curso preparatório nas escolas de ensino médio – especificamente, a que favorece o trabalho em grupo e os debates por meio de palestras diretas. O experimento ainda está em andamento, e os resultados até agora são mistos. Ela é muito franca quanto às limitações da ideia, mas também não se esquiva da promessa que mantém. Comparado à estrutura da "grande ideia nova", esse tipo de história geralmente possui um pouco mais de dados e evidências por trás.

TRANSFORMAÇÃO DO LOCAL

Em agosto de 2014, Kaiser Health News e a NPR publicaram "[Wrestling With A Texas County's Mental Health System](#)" (Lutando contra o sistema de saúde mental de um condado do

Texas), que explica como o condado de Bexar, no Texas, melhorou drasticamente sua abordagem em doença mental. A matéria da KHN é escrita por Jenny Gold. A parte superior da reportagem concentra-se fortemente no problema, com algumas linhas que sinalizam que a situação agora está amplamente melhorada. A principal mudança que o município fez, explica Gold, foi ter diversos departamentos da cidade reunindo seus fundos para construir um "Centro de Restauração". Ela continua explicando como o centro funciona, as lições oferecidas que podem ser ensinadas e suas limitações. Os locais destacados neste tipo de história podem ou não ser um "desvio positivo" geral, mas oferecem lições importantes.

"Diga a si mesmo: 'Bom, quero escrever sobre uma tentativa de fato interessante e criativa de resolver um problema.' Depois de falar sobre isso como uma tentativa criativa, você não se sente obrigado a ter que encontrar apenas boas notícias. Porque depois você diz para si mesmo que a virtude do que vai fazer é mostrar às pessoas que 'aqui tem alguém que tentou resolver um problema de uma maneira realmente intrigante e vou lhe contar o que está funcionando e o que não está.' Então você se sente mais aberto a aprender sobre o projeto de verdade, com defeitos, sucessos e fracassos. Desde que você faça isso e se certifique de pesquisar e aprender quais são alguns dos obstáculos e fale sobre eles, as pessoas o acharão verossímil. São as matérias frívolas que dizem que isso é o melhor que já ocorreu e que não existe problema – é isso que faz as pessoas desconfiarem delas."



Meg Kissinger

KIT DE FERRAMENTAS BÁSICAS

Tipo de História: Exceção Positiva



COMENTARISTA CONVIDADA

Rachel Dissell

The Cleveland Plain Dealer

Rachel Dissell é repórter do The Plain Dealer desde 2002. Ela escreveu matérias investigativas sobre a resposta de Cleveland a agressão sexual, violência em relacionamentos amorosos de adolescentes, sistema de justiça da infância e da juventude e envenenamento por chumbo. Em 2011, Dissell foi homenageada com o primeiro Prêmio de Excelência em Mídia da End Violence Against Women International. Ela também é professora da Kent State University.



Brie Zeltner

The Cleveland Plain Dealer

Brie Zeltner ingressou no The Plain Dealer em 2007, após um estágio de um ano no jornal, e relata os efeitos da pobreza na saúde de crianças, famílias e da comunidade do nordeste de Ohio e arredores. Em 2015, Zeltner e a colega Rachel Dissell fizeram uma reportagem juntos – “Toxic Neglect”, uma série aprofundada que examinou a crise não resolvida do envenenamento por chumbo em Cleveland.

THE CLEVELAND PLAIN DEALER

Toxic Neglect

Rachel Dissell and Brie Zeltner | October 23, 2015

CLEVELAND, Ohio—It’s been a decade since the city of Rochester, New York, committed to tackling its lead poisoning problem head on. No longer would children in the city act as lead detectors, poisoned at a rate 10 times the national average, local leaders vowed.

What resulted was a set of lead poisoning prevention laws heralded by experts in the field as the “smartest” in the

nation and a more than 80 percent drop in the number of children with high lead levels. It's a change leaders believe is sustainable. Last year in New York's Monroe County, where Rochester is the county seat, 4 percent of children who were screened for lead had 5 micrograms of the toxin per deciliter of blood, the threshold currently set by the Centers for Disease Control and Prevention. In Cuyahoga County last year that percentage was more than double, at 11.5 percent of children screened.

What separates Rochester's approach from other cities fighting childhood lead poisoning is simple: The city decided to start looking for lead in rental homes rather than waiting to act until a child had already been poisoned.

Rochester's laws weren't revolutionary, though. For the most part, the city amended its existing housing laws to target lead hazards and strengthened housing code enforcement in areas where kids were likely to be poisoned.

Real prevention key to change

For decades, public health officials have understood that if houses are safe and free from lead hazards, children won't be poisoned. The U.S. Department of Housing and Urban Development (HUD) has long encouraged cities to enforce housing codes as a way to prevent lead poisoning.

The agency, which supplies much of the grant money for lead-based paint clean up across the country, says its mission is truly prevention. In an interview this summer, an agency official said HUD's statutory mission regarding lead poisoning is to target the housing that's likely to poison children.

“The only way to really address this problem is to address the housing itself,” the agency told The Plain Dealer.

City code enforcers play a key role in identifying the housing that is most likely to pose a hazard to kids, both now and in the future. HUD officials have advised cities receiving grant money for lead clean up that code enforcement could better help to pinpoint individual properties containing lead hazards as well high-risk hot spots for lead poisoning.

“By failing to focus directly on lead hazards, code enforcers lose numerous additional opportunities to prevent children from being poisoned,” read a 2002 HUD primer on the strategy.

Officials also determined, based on volumes of research compiled from across the country, that preventing lead poisoning actually saved money.

Change of course in Rochester

The mounting evidence supporting prevention was a part of what former Rochester Councilman Wade Norwood called a “tidal wave of facts” that eventually prompted the unanimous passage of the city’s lead ordinance in 2005.

“There was a moral, scientific and community imperative that the ordinance passed,” Norwood said. You had to be willfully ignorant or stubbornly resistant to truth to oppose the ordinance, he said.

There were concerns about the new laws, particularly among the city’s landlords.

Gary Kirkmire, who leads Rochester's inspection and compliance efforts, said one of the biggest hurdles was the sense that forcing inspections would upset the rental market and overburden landlords.

"The unknown is scary to people. It was scary to us," said Kirkmire, director of inspection and compliance for the city. After the lead inspections began, he said, most landlords adapted. "Some people got out of the business but, frankly, some should have," he said.

Others objected that it would be too expensive, potentially costing the city more than \$1 million a year to perform the additional inspections.

Kirkmire said it took significant dedication, but Rochester hired a few more inspectors and cross-trained building and housing inspectors to be able to assess lead hazards.

The city also decided rather than complete total lead-risk assessments, which can take four or more hours, that it would prioritize inspection efforts toward the types of properties they knew were at highest risk: rental properties with deteriorating paint and surrounding bare soil.

Inspectors started with aging homes in poor areas where lead poisoning was prevalent.

It took several years to work through the city's roughly 60,000 pre-1970s rental units, Kirkmire said. But it now costs about \$696,000 each year to fund its program. The city pays for a little

more than half of that, and the rest is picked up by a state prevention grant.

That pays for the visual inspections and 2,800 to 3,000 lab tests for lead taken from floors, window sills and other areas inside homes that contain dust which could be easily touched or inhaled by children.

Kirkmire said the city has also honed the program by studying the data it collects. One change that saved time: after finding that more than 90 percent of lead hazards were showing up in single and double rental units, the city amended its ordinance so that inspectors no longer had to inspect properties with more units. The city was also able to cut in half the amount of time it took to reinspect rental units where lead had been addressed but not removed entirely, from six to three years.

Lessons for Cleveland?

Kirkmire said that other cities can also bite off small pieces of the problem at first.

“You don’t have to dive in citywide,” he said. “In our city initially we deployed in the highest of the high-risk areas.”

Now, those high-risk areas are smaller, he said.

In the past, Cleveland and Cuyahoga County have tried small projects that inspected homes and offered education and low-cost lead control methods, like rugs and cleaning supplies, in homes where expectant mothers and new babies live. But the grant-funded effort, which showed initial promise, ended when the money ran out.

Currently, the Cleveland Department of Public Health, the MetroHealth System, and the non-profit Environmental Health Watch are partnering on a new effort, called BUILD, which calls for a more cooperative, holistic approach to ensure homes are healthy.

It's being piloted in a West Side neighborhood with a high percentage of lead and other housing-related health problems.

The program's goal, proponents say, is to create a sustainable strategy to prevent families and children from being sickened or poisoned by their homes.

Whether that will last beyond its \$250,000 grant remains to be seen.

KIT DE FERRAMENTAS BÁSICAS

Tipo de História: Grande Ideia Nova



COMENTARISTA CONVIDADA

Sarika Bansal

Founder, Honeyguide Media

Das favelas do Brasil até as clínicas de tratamento com metadona na Tanzânia, Bansal sempre produz reportagens atraentes e robustas sobre soluções. Ela agora é editora do The Development Set, do Medium.

AL JAZEERA AMERICA

Strung Out in Tanzania

Sarika Bansal | March 3, 2015

DAR ES SALAAM, Tanzania — Every morning, hundreds of Tanzanians make their daily sojourn to a breezy open-air methadone clinic at Muhimbili National Hospital. The journey is

not always smooth. Some travel on overcrowded local buses, and others walk for hours in Dar es Salaam's sweltering heat.

One by one, the patients are called to a window, where a nurse behind a metal grate offers a plastic cup filled with liquid methadone. They drink the viscous concoction under her watchful eye, after which they can continue their day without craving heroin.

"For a long time, I couldn't live without heroin," said Stamil Hamadi, a 34-year-old woman with a heart-shaped face and calming presence. "I decided to try methadone to become a new Stamil. My health began improving, and I started gaining weight."

Muhimbili's methadone clinic is the first of its kind in mainland sub-Saharan Africa. Few governments, donors or nonprofits in Africa work with heroin users. Médecins du Monde (MDM), an international nonprofit that serves heroin users in Tanzania, estimates that fewer than 1 percent of drug users on the continent have access to support services, let alone treatment plans like methadone.

Tanzania is a striking exception. In 2009 the national government publicly declared that its drug users needed evidence-based treatment options. With aid from the United States and Canada, Tanzania's Ministry of Health approved a comprehensive plan to help prevent and treat heroin addiction.

Heroin use has surged in the U.S. in recent years, and it has gained popularity elsewhere around the world. According to the United Nations Office on Drugs and Crime (UNODC), there are more than

500,000 heroin users in East Africa, where popular Indian Ocean drug trade routes make landfall. Nearly 60 percent of these users may live in Tanzania, UNODC believes, with a heavy concentration in the port city of Dar es Salaam.

Soon after heroin entered Dar es Salaam in the 1990s, its cruder form — brown instead of white — snaked its way into bustling urban neighborhoods like Temeke, where Hamadi lives. A dose of brown heroin, known on the street as brownie, costs as little as a dollar. (White heroin is sometimes called Obama.)

“[The port] provides a lot of economic benefits, but unfortunately it also provides opportunities for an illicit trade in drugs,” said Brian Rettmann, who coordinates the United States’ President’s Emergency Plan for AIDS Relief (PEPFAR) in Tanzania. “Prices for heroin here are some of the lowest [in the world], which has really caused an epidemic.”

Since the country’s per capita income is just under \$700, heroin’s low price allows Tanzanians across income groups to try it.

Some heroin users scrape the money together through odd jobs like helping bus operators find passengers. Others turn to illegal means. One of Hamadi’s friends boasted an eagle tattoo on his chest, symbolizing how he swoops down, quickly steals and gets high. Many female heroin users at some point pay for their addictions through sex work.

As in many other places around the world, heroin in Dar es Salaam takes its firmest grip among the young, unemployed and bored. Hamadi was 18 when she first smoked heroin, as part of a koktelin (“cocktail”) with marijuana. She lived with her father but would

sometimes stay with a friend for several days at a time. While partying with her friend one night, Hamadi met a man who, in 1998, offered her an oddly strong joint.

“Honestly the first time I didn’t feel good,” Hamadi recalled. “But then I missed it the next day. I felt cold and had symptoms of fever. [The man] told me it was not fever. It was addiction. I asked him what addiction was because I didn’t know. He told me to sniff this thing. I took two hits and all of a sudden I felt cheerful and strong.”

Hamadi fell in love fast, with both the guy and the heroin. Ellen Tuchman, who researches women’s substance abuse at New York University, said this story is not uncommon. “We know that social networks of women matter a lot, from adolescence onwards,” she said. “If she has a male partner, he can be very influential in getting her to start [using].”

Though most Tanzanian women either sniff or smoke heroin, within two years Hamadi started experimenting with needles. She was seeking the purer highs she remembered from when she began using. The same year, she gave birth to a healthy baby boy. Her partner supported the family, she said, by conning people into believing he was a fortuneteller.

Around their son’s fourth birthday, Hamadi recalled, her partner developed a toothache that didn’t go away. She said his jaw swelled and he died within a few months, cause unknown.

“I felt so lonely,” Hamadi said. “He protected me until the day he died. [Until that point], I didn’t know how to sell my body. I didn’t know how to steal.”

Hamadi entered both those professions after his death. She found regular clients, and when sex work didn't fulfill her financial needs, she broke into people's homes and stole their iron pots.

Several years later, Hamadi participated in a class for people who inject heroin at MDM. (The nonprofit operates independently of Muhimbili.) As the teacher explained the dangers of sharing needles, she realized her partner had shown symptoms of HIV. Suspicious of her own status, she volunteered for a test and learned she was HIV-positive. "I'm glad I learned before I got more problems," she said. "I now use [antiretroviral] drugs."

She was growing tired of the way her life was progressing. Her son lived with his grandmother, and she was rarely consulted on any family decisions. Sex work and robbery had their difficulties and indignities. It was getting more difficult for her to inject heroin, since the veins in her arms and legs had been used so often. She became impossibly frail.

Fortunately for her, this was when the Tanzanian government began consulting with international donors to offer heroin users a path out of addiction.

International donors became interested in Tanzania because heroin use correlates highly with HIV/AIDS prevalence. An estimated 40 percent of Tanzanians who inject drugs are HIV-positive — compared with 5 percent of the general population. Statistics are worse for women who inject heroin; the Tanzanian Ministry of Health estimates that two-thirds of them are HIV-positive.

These alarming statistics are partially due to a worrying practice called flashblood, in which a user shoots up heroin, draws a syringe of blood and gives the full needle to a fellow user. If someone is short on cash, users say that injecting heroin-laced blood can give a mild high.

A walk through a dusty heroin shooting gallery in Temeke — which heroin users nicknamed Sheraton, since they equate getting high with going to a five-star hotel — gives an indication of how common this practice is. Several addicts drifted by with blood-filled needles attached to their limp arms, eyes glazed and mouths agape.

In 2009 the Tanzanian government agreed to test community outreach efforts, including a needle exchange and education program. Government representatives visited a methadone clinic in Vietnam, which they believed could be replicated back home. “We saw that it worked elsewhere,” said Frank Masao, who directs the Muhimbili Rehabilitation Center. “But it had not yet been proven in a Tanzanian or sub-Saharan African context.”

The decision to offer methadone was an easy one for PEPFAR. “It’s an inexpensive alternative and is also very effective,” said Rettmann. “And it’s already on the essential drug list, so getting it into the country was [not difficult].” Since 2009, PEPFAR has spent \$15 million to work with intravenous drug users in Tanzania, much of which has been used on methadone treatment.

Methadone, a synthetic opioid classified as anti-addictive, works by reducing the craving for heroin. It is usually given in liquid

form, with a person's dosage based on the perceived level of physical addiction.

Methadone also quells heroin's infamous withdrawal symptoms, known in Swahili as arosto. "You cannot sleep, cannot eat. You have abdominal cramps and diarrhea," said Masao. "The majority [of heroin users] wish to stop, but because of this pain, they cannot."

Quitting without a replacement, users say, is infernal.

"[Withdrawal] was like a mosquito moving deep inside my skin," recalled 35-year-old Happy Assan, shuddering at the memory of one of her darkest days. "Now when I wake up, I first think of the clinic. I love the clinic."

Assan is proud to have not touched heroin in three years because of Muhimbili's methadone program. After years of illegally selling perfume on the street, she recently became employed with TANPUD, a national advocacy group for substance abusers. She also leads a weekly support group for female methadone patients. Methadone treatment has its critics as well, particularly regarding its duration. In 1998, New York City Mayor Rudolph Giuliani famously said that methadone was like "substituting one addiction with another," since patients would remain on it for decades. Researchers like Tuchman believe that focusing on methadone's downsides undermines its proven cost effectiveness. "We know from 40 years of research that it works," she said. "I liken [methadone's treatment duration] to people with diabetes. Once they're on insulin, they require it every day for maintenance."

When the Muhimbili clinic opened in 2011, Masao said it planned to see 150 patients. But demand for methadone quickly ballooned as heroin users across the city sought out an alternative to their addiction.

Within a year, the clinic secured \$500,000 funding to open two more branches in other parts of the city. In the last four years, over 2,000 heroin users have begun the methadone program. Sixty percent of these patients were able to maintain the strict daily regimen, said Masao.

One reason the clinic opened additional branches was to test initiatives to attract women. Masao acknowledged that recruiting and retaining women in Muhimbili has been challenging. Only 1 in 10 of their clients is female.

A newer clinic, Mwanyamala, features women-only spaces and nighttime outreach that engages sex workers. It relaxed the condition to accept only people who inject heroin; it found that women who sniff heroin still have an elevated risk of contracting HIV. As a result of these changes, over 30 percent of its patients are women.

In addition to methadone, patients have full access to mental and physical health services. “We like to comprehensively attend to patients,” said Masao. “We know that when they come here, it’s not just for methadone.” Many heroin users have a background of psychological trauma, which hospital staff can help treat. Also, clinic staff can ensure that HIV-positive patients receive their medication.

Partly because of the Muhimbili clinic's holistic approach, public health teams from several African countries — including Mozambique, Kenya and Nigeria — have visited the clinic. A year after the clinic opened, Hamadi became inspired after seeing her peers at MDM, where she often showered and studied. Several of them looked healthier, less gaunt. Community outreach workers from the Muhimbili clinic encouraged her to start using methadone as well. (The Mwanyamala clinic had not opened yet.)

For several weeks, Hamadi diligently paid the 800 shilling (\$0.50) bus fare to visit the clinic every morning before 11 a.m. She said she noticed feeling better almost immediately. But a mere month after starting, Hamadi disappeared.

“When I stopped using methadone, I said that I would also stop using heroin,” she said, embarrassed and avoiding eye contact. “But the third day, I started feeling the thirst again. It's like it has evil power.”

Anywhere in the world, it is enormously difficult for patients to maintain a daily methadone regimen for years on end. There are the obvious logistical challenges of visiting a clinic every day, especially if it is far, expensive or inconvenient to reach.

For the first few months of methadone treatment, the medical professional may still be fiddling with the dosage. If a patient's methadone dose is too low, said Tuchman, he or she may begin craving heroin before the next scheduled treatment.

Alternatively, a user may not be physically or psychologically ready to drastically alter his or her lifestyle. “There is this interplay between using heroin and not using heroin,” said Jessie Mbwambo, a psychiatrist at the Muhimbili Rehabilitation Center. “Recovery is not a straight line, unfortunately. People go back and forth, back and forth, into heroin, out of heroin, into methadone, out of methadone, until they are really ready.”

Women like Hamadi face added challenges. In most places, including Dar es Salaam, there is an enormous stigma associated with being a woman addicted to heroin. “Women are supposed to be good mothers, wives and daughters,” said Tuchman. “She may be shamed or embarrassed to visit a big clinic.” While Muhimbili’s open-air setting may be inviting for users seeking community, it may have scared away people who value anonymity.

When Al Jazeera first met Hamadi in late 2013, her memories of methadone were distant. One sunny October morning, she woke up feeling as if she had had an electric shock. She needed a fix. After draping herself in a printed orange khanga, she met a dozen people at Sheraton. Nearby shopkeepers turned a blind eye to the illicit activities, and when a barefoot child inquired about what was happening, a heroin user shooed him away.

One of Hamadi’s friends discreetly mixed brown powder with water in a syringe. The powder resembled ground cumin. Since Hamadi had few remaining functional veins, her friend helped her carefully inject the heroin into her neck. Her eyes soon began to soften, and a self-conscious smile came over her face.

Nearby, two users practiced flashblood. One of them, Juma Omari, 25, said getting high made him feel as though he were in America. He pulled down his shirt to reveal a tattoo of the Statue of Liberty.

In small but meaningful ways, the group considered their safety. They rotated chores like sweeping the corner of drug paraphernalia, lest a child step on a used needle. MDM, whose staff largely consists of former drug users, gives them clean syringes every week. MDM's peer educators occasionally visit Sheraton to explain the importance of safe injection.

An hour after shooting up, the whole group started to move at a glacial pace. Even laughter sounded slowed down. Hamadi ate lunch at a nearby restaurant, reclined on a blue plastic chair and fell fast asleep.

Though she was back on heroin, she was taking steps to improve her life. Soon after that morning, she became a peer educator at MDM and started teaching others about the dangers of flashblood and sharing needles. She started working to improve relations with her family. She began dating Said Mohamed, who was on methadone and gently encouraged her to give it another chance.

A few months later, Hamadi decided to do just that. Instead of waking up and going to Sheraton, she began to walk 90 minutes to Muhimbili. (Since she originally registered there, she could not switch to the Mwanyamala clinic.) Her cheeks began to fill out. Her smile became a little brighter. Everyone was hopeful that this time she would stick with her treatment.

But after seven months of stellar attendance for Hamadi, the siren song of heroin may have again recently called to her. Al Jazeera asked a fellow Muhimbili patient to keep an eye on her. A few days later, he texted, “Since then Stamil didn’t show up! Very sorry for her because she missed dose for almost 10 days. As far as I know the pain of missing methadone she must have gone back to drugs. For many of her peers, though, methadone has been a game changer. “Methadone has pulled me out of my problems,” said Mohamed, Hamadi’s boyfriend. “I have told [her], use methadone, my love, so that you can change. I want us to live like family.”

KIT DE FERRAMENTAS BÁSICAS

Tipo de História: Experimento em Andamento



COMENTARISTA CONVIDADA

Linda Shaw

The Seattle Times

Linda Shaw tornou-se editora de educação do Seattle Times em 2014. Antes disso, ela fez cobertura das escolas públicas no The Times como repórter por mais de duas décadas. Sua cobertura ganhou inúmeros prêmios e honras locais e nacionais, inclusive em 2008, quando a Education Writers Association a nomeou como Repórter do Ano.

THE SEATTLE TIMES

Less Lecturing, More Doing: New approach for A.P. Classes

Linda Shaw | March 1, 2014

In a new type of advanced government class at Seattle's Garfield High, the students rarely sit quietly taking notes while their teacher stands and lectures. Instead, they debate each other. They write legislation. They run for president in mock elections and pretend they're lawyers arguing cases before the U.S. Supreme Court.

They sometimes even stand up and holler, as Sanai Anang did recently, playing a member of a Virginia-based group that lobbies for strict immigration controls.

In a simulated public hearing, Anang, who loves to ham it up, jumped to his feet without being recognized and declared, in a mangled Southern accent, “Ee-lee-gals come over and take our jobs. They don’t bee-long here.”

His classmates and teacher Jerry Neufeld-Kaiser cracked up.

They are all part of a teaching experiment that began six years ago in the Bellevue School District when a handful of frustrated government teachers teamed up with University of Washington researchers and turned the usual Advanced Placement curriculum inside out.

Instead of lectures sprinkled with discussions and occasional projects, they put role plays and simulations at the center of the curriculum — the entree, rather than a side dish or dessert.

Their goal was to solve two problems with the A.P. program, the largest set of college-level courses offered in high schools across the nation.

First, they wanted to address the criticism that A.P. classes cover so many topics so quickly that students spend too much time memorizing facts and too little time analyzing their meaning and significance.

The team also wanted to test whether a steady diet of hands-on exercises would help address the rising failure rate on A.P. tests among some minority groups.

The team members started with A.P. U.S. government and politics — one of the most popular A.P. offerings — dumping most of the lectures that usually are the core of the course, and replacing them with five in-depth projects.

They then tackled A.P. environmental science and are now working on A.P. physics.

The transition hasn't been easy for students used to being told, at the start of each assignment, exactly what they're supposed to learn.

Students and teachers alike complain the projects can be time-consuming to complete — and to plan. And, done poorly, they can be a waste of time.

But the results so far are promising, showing that the project-based classes can provide depth and enough breadth for students to pass the spring A.P. exams.

Students in the experiment, now under way in about five dozen classrooms in Washington, Northern California and Iowa, have done as well and often better on the A.P. exams compared with classmates in the experiment's control schools that use a lecture-heavy approach.

They've often scored higher on a separate test that researchers designed to probe how well students truly understand what they've learned — although those results have been mixed.

The researchers are not examining results by race because they believe achievement gaps are grounded in differences in class

rather than ethnicity. They have found their approach can yield results for students from low-income homes as well as those from middle- and upper-class neighborhoods.

Last year, for example, 88 percent of students in two of the experiment's high-poverty schools passed the A.P. U.S. government test in the spring — much higher than the 24 percent for comparable schools nationally.

Program booming

The A.P. program began in the 1950s as a way for elite high-school students to earn college credit.

In the past two decades, participation in the program has exploded, with more than 2 million students taking one or more A.P. exams last year.

But as A.P.'s popularity has grown, so have questions about its quality. The spring A.P. exams are supposed to cover what students would learn in typical introductory college courses, but many teachers complain there's so much material that their classes turn into extended cram sessions.

Critics also question whether the A.P. boom, driven by a push to open the program to all interested students, sets up those without strong preparation to fail.

The program is run by the nonprofit College Board, which is addressing those same concerns itself, steadily streamlining the exams to allow students more time for in-depth study.

The board is watching the teaching experiment carefully, interested in its promising results. In 2012 the board invited project leaders to its A.P. conference to present their ideas to A.P. teachers from across the nation.

It's important that students gain an in-depth understanding of a subject, said Auditi Chakravarty, an A.P. program vice president. "And that requires more than the passive sit-and-get kind of learning."

Enlisting an old idea

The A.P. experiment that started in Bellevue grew out of conversations between the U.W. researchers and a former Bellevue superintendent, Mike Riley, who'd led a big expansion in A.P. participation in his district.

They thought they could improve the classes by using an idea that dates back to the 1890s, when education reformer John Dewey promoted "learning by doing." At its best, project-based learning can help students grasp the importance of their lessons and retain more of what they learn. At its worst, it can be entertaining but little else.

The research into its effectiveness is mixed, in part because the project approach can mean so many different things. The U.W.-Bellevue team members dubbed their approach rigorous project-based learning, to distinguish it from unfocused efforts that have given the term a bad reputation.

They didn't throw out traditional instruction altogether. Students still take tests and do homework. They still take the regular A.P. test at the end of the class.

The team spent a year planning the first project-based class in U.S. government, extending it to a yearlong course and searching for projects they could adapt so they didn't have to create them from scratch.

Then it recruited the experiment's first set of students, promising a still-tough but more engaging — even fun — A.P. experience.

Bumpy ride at first

The first year turned out to be tougher than many anticipated. Some students complained they didn't know what they were supposed to be learning, and they struggled to work productively in teams.

Many worried they wouldn't be ready when it came time to take the A.P. test in the spring — and so did some of their teachers.

“To be quite frank, I didn't think I was giving them what it took,” said Newport High teacher Tim Shultz.

Some teachers still lament that the course now takes more time, which means students can no longer take a common companion course — A.P. comparative government — in the same school year.

The experiment has been costly, too.

To date, the team has raised about \$6million to support its work, with half from the George Lucas Educational Foundation and the rest from other sources, including the National Science Foundation and the Bill & Melinda Gates Foundation. (The Gates Foundation is the main funder of The Seattle Times Education Lab project.) Still, Shultz and other teachers embrace the new approach.

They love seeing students stop counting how many points an assignment is worth and instead lose themselves in planning a political campaign or lobbying for a bill.

“What I was doing in the past was teaching to the test,” said Shultz. “I’d say, ‘Know these 50 cases and you’ll be fine on the test.’”

Now, he said, he teaches students how to use legal precedents to help them make strong arguments before a mock Supreme Court, only sometimes adding, “Oh by the way, it’s also on the test.”

Teachers also say the approach helps many students who don’t come from privileged backgrounds and may not regularly talk politics over the dinner table. Until they play a legislator or a judge or a candidate, said Garfield’s Neufeld-Kaiser, they may have no concept of what those people do.

But after they write a bill and lobby their classmates to vote for it, he said, they get it. “It’s so much more accessible because they’ve lived it.”

For the second year, teachers dropped some projects and revised others, and they figured out ways to grade students on their

individual contributions — one way to avoid one student taking over and doing the bulk of the work.

Some teachers warned students they might feel uncomfortable with the new approach but that they should trust the process, and that students before them had passed the test and they could, too.

“Engagement first”

Each project follows a common set of principles based on research into how people learn best.

One is to immerse students in a challenge, then follow with lectures and reading to help students figure out how to meet it — an approach the researchers call “engagement first.”

They also design each course around a master question, which students circle back to after each project, ideally gaining a new level of understanding each time.

John Bransford, a well-regarded learning expert and a member of the U.W.-Bellevue team, said the hope is to help students gain expertise much like musicians improve with repeated guided practice.

At Bellevue’s Sammamish High earlier this year, a project on the federal budget illustrated what this concept looks like in practice.

Teacher Katie Piper first showed a documentary that presented a troubling picture of the country’s growing debt and taught students a little about entitlements and economic theory.

Then she sent them off to come up with a proposal that would significantly reduce the debt, with elements that would appeal to both Democrats and Republicans.

Within two days, students were deep in discussions about Social Security benefits, tax loopholes, Medicare and the Bush tax cuts — concepts some barely understood when they started.

The point was not to make the students financial experts but to give them more insight into how government works — in this case, all that goes into passing budgets.

On the last day, three groups presented their proposals to the class and an invited expert, the city manager of nearby Newcastle.

Seve Sandomirsky, 17, worked hard to sell his team's plan, which was heavy on liberal solutions such as closing tax loopholes for corporations, and light on anything that might appeal to more conservative lawmakers.

Dressed for the presentation in a blue dress shirt and tie, he hoped to win over everyone with a sense of fairness, saying companies have long avoided taxes that they should have been paying for years.

"I had to dig deep," he said later, "trying to sell this as a bipartisan deal."

Students buying in

Sandomirsky expressed enthusiasm for the project approach, even while acknowledging it can be a lot of work.

“The greater understanding,” he said, “is so much more enriching than having a lecture and regurgitating information.”

Some of Neufeld-Kaiser’s students said the same.

“Instead of reading about what people are doing, you get to step into their shoes,” said Israel Brown. Rather than test prep, “this is more like real-life prep,” added a classmate, Rahel Solomon. Neufeld-Kaiser and a few other teachers like the approach so much they use it in non-A.P. classes as well.

At Sammamish High, the faculty, inspired by what they saw in the project-based A.P. classes, are redesigning most of their core courses in a similar way.

Some teachers emphasize the approach is not best for all students — that some learn just fine through lectures.

Newport teacher Virginia Evans, while a fan, also wonders if it helps or hurts students when they go to college. “The reality is, colleges are like my non-project classes,” she said. “They lecture at you, and you write papers.”

The researchers aren’t declaring complete victory yet.

That’s partly because the early results, while promising, could reflect the so-called “early adopters” effect — that any program with enthusiastic teachers will at first show strong results that peter out when used more widely.

The research team will continue its study for a few more years, hoping to amass enough evidence to convince many more schools that rigorous project-based learning can enhance advanced classes.

Team members don't back the notion that all high-school students should take college-level classes, but for those who do, they want the courses to be the right kind of tough.

They are still debating exactly what that is, but they know what it isn't.

"Have you really learned something if you've memorized a bunch of definitions?" asked UW professor Walter Parker, one of the experiment's lead researchers.

"It's probably some kind of learning. But it doesn't make the grade as deep learning — meaningful learning."

0 Comments

KIT DE FERRAMENTAS BÁSICAS

Tipo de História: Transformação do Local



COMENTARISTA CONVIDADA

Jenny Gold

NPR

Gold faz a cobertura do setor de saúde, da revisão de políticas e das iniquidades em saúde. Anteriormente, foi bolsista do Kroc na NPR.

KAISER HEALTH NEWS / NPR

Wrestling With A Texas County's Mental Health System

Jenny Gold | August 20, 2014

SAN ANTONIO—Some people here just call Leon Evans “The Bear.” He is a massive man with a shock of white hair on both his head and face and wrists the size of a child’s thighs. The former All-Star wrestler earned his nickname after wrestling two living, breathing bears.

“This is Bexar County” (pronounced “bear”), Evans says, “so my wife teases me about this being my third bear.”

Evans is the director of the Center for Health Care Services, the community mental health system in San Antonio and Bexar County.

Texas ranks 49th out of 50 states in how much funding it commits to mental health. But under Evans' leadership, Bexar County has built a mental health system considered a model for other cities across the country -- one that has saved \$50 million over the past five years.

Evans came to Texas in 1972 as a social worker, to help set up some of the very first community mental health systems, and he's been in the state ever since. When he took over the Bexar county system 14 years ago, the county jail was so overcrowded -- packed with people in various states of psychoses -- that the state was getting ready to levy fines.

That's not unusual. Across the country, about 20 percent of inmates and prisoners have a serious mental illness that includes psychosis, according to a study from the Justice Department's Bureau of Justice Statistics. Evans' idea for reform was simple: for people with mental illness, treatment works. And jail does not. "Even here in Texas, which is very conservative, we learned some time ago that nonviolent mentally ill offenders shouldn't be in prison. They don't make good prisoners," he says, "In a state of psychosis, a prisoner is hearing voices and can't follow rules, and that means he gets no time off for good behavior, Evans explains. "They take up space for violent offenders."

It's also an expensive revolving door. When people with a serious mental illness are released from jail, many end up living on the

street, sick and often addicted. And then almost invariably, they end up back in jail for a minor nuisance crime, like panhandling (which is illegal in San Antonio), urinating in public, digging in dumpsters or sleeping on someone's porch.

That all sounds very familiar to Samuel Lott. For decades, he was a white collar worker, most recently for the BNSF railway in Fort Worth. But in 2006, he lost his job.

“Whatever diagnosis I had – depression, alcoholism, that sort of thing kicked into high gear back then, and I spiraled down pretty quick and became homeless,” says Lott.

For four years, Lott lived on the streets and camped in the woods. He was estranged from his family, got infected with hepatitis C, and his untreated depression started to take on signs of psychosis. He had frequent run-ins with the police.

On his laptop, Lott, 51, pulls a picture of himself from 2010, the last time he was in jail. “This person is angry, unhealthy, there's malnutrition, there's no direction. You can see from the sunken cheekbones,” he says, pointing to the screen.

Getting treatment for any of his health problems felt hopeless, especially without transportation. “It meant having to walk from one side of town– I mean, miles and miles to the other side of town -- maybe to get a referral, and then you take your referral and walk clear back over to some other side of town, and then maybe you can go and get the help,” Lott explains.

In addition to scattered services, Leon Evans says there was another problem for this population: none of the county or city

agencies and nonprofits that deal with people with serious mental illness was talking to one another. The jails, hospitals, courts, police and mental health department all worked in separate silos. “People who fund these services only look at their little small piece of the pie and whether there is a return on investment,” says Evans.

So with the help of the county judge, Evans worked to get the funders together to talk about the money they were all spending on mental health. It turned out to be the most challenging – and the most important – piece of the puzzle.

“If you think law enforcement and mental health workers have anything in common, we don’t, except people with substance abuse and mental health problems. We speak a different language, we have different goals, there’s not a lot of trust there,” he says.

So he hired Gilbert Gonzalez to take a look at the money that they were all spending on mental health. “You know Brad Pitt in the movie Moneyball?” asks Gonzalez. “Well, the success in that movie was based on the data and analytics. We needed to do the same thing.”

Once they stopped looking at mental health as an isolated expense in the city budget, the players realized they were spending enormous sums of money to take care of people. And they were doing a bad job of it. Pooling their resources instead, Gonzalez found, would offer significant savings.

The courts, the jails, the hospitals, the county government and the police department agreed to work together on the issue. Everyone

provided funding– the police even contributed their drug seizure money – to build a system where people with mental illnesses could get better.

The result is one centralized complex which offers many services. The Restoration Center is conveniently located across the street from San Antonio’s state-of-the-art homeless shelter.

“One thing that’s really important about the San Antonio approach is that they’ve integrated services together for mental health and substance abuse and homeless services, because most people have overlapping needs,” says Laura Usher, a program manager at the National Alliance on Mental Illness who helps set up collaborations between law enforcement agencies and mental health departments.

The center has a 48-hour inpatient psychiatric unit, sobering and detox centers, outpatient primary care and psychiatric services, a 90-day recovery program, housing for people with mental illnesses, and even job training and a program to help people transition to supported housing.

“San Antonio realized that it’s more cost effective to provide mental health services and supports to people on the front end, rather than pay for jail beds and prison time,” says Usher.

More than 18,000 people pass through the Restoration Center each year and officials say the coordinated approach is saving the city more than \$10 million each year. “There’s no wrong door,” says Evans. Some patients walk in off the streets or with their families. Others are brought in by police or diverted here from programs inside the jails.

“San Antonio is ahead of what’s a growing trend across the country to try to build a non-hospital alternative for people who are experiencing a psychiatric emergency, often with co-occurring alcohol or other drug abuse,” says Dr. Mark Munetz, a psychiatrist and professor at Northeast Ohio Medical University who toured the Restoration Center last year.

But he says the San Antonio model might not work for everyone. The Restoration Center and homeless shelter, he says, felt like “a psychiatric oasis, removing the people from the most central part of the city, it felt a little like segregating people in that part of the city, especially with the homeless shelter next door. I’m not sure how that would fly in other parts of the country.”

Nonetheless, the rest of the country has started to notice. Every state in the country has sent delegates to San Antonio to see if they can model their own mental health systems after this one. Samuel Lott found his way there in 2010. He walked over to the Restoration Center from his jail cell a block away. He went through the detox program, then a 90-day in-patient recovery program, followed by treatment for hepatitis C, and finally medication to help control his mental illness. The center helped place him in an apartment of his own and provided him with additional job training.

He pulls up another photo on his laptop, this one taken Thanksgiving of 2012, two years after he arrived at the center. It’s a picture of Lott with his arms around his family – mother, father, brother, niece and nephew.

He looks like a different man.

“I’ll start crying if I talk about it,” says Lott, who is now healthy and employed at the center. “It felt so good to be home, with my mother and my dad. And I had expected them to be angry and hurt, but it was the exact opposite. They were so happy for a member of the family to come home. Now I email with them every single day, text, Facebook, make plans for gatherings.”

He says he’s helping other people find the kind of hope and healing that he has.

KIT DE FERRAMENTAS BÁSICAS

Heróis X Personagens

Respostas sistêmicas a problemas sociais arraigados requerem mais do que algumas pessoas extraordinárias; elas exigem exércitos de pessoas comuns empregando técnicas estratégicas e eficazes. É por isso que o jornalismo de soluções é mais envolvente quando as histórias concentram personagens tridimensionais mais ricos e tensão narrativa convincente, em vez de depender de "heróis".

Como você pode evitar cair na adoração a heróis, mesmo quando se vê legitimamente impressionado pela liderança ou engenhosidade de alguém? Aqui estão algumas dicas:

- J Como em toda boa escrita, **mostre, não conte**. Observe os arquitetos da solução e os "clientes" em ação e torne-os visualmente vívidos para o seu leitor. Quanto mais puder estar no local, melhor.
- J Se você relatar o que observa sem o uso de adjetivos de editorial como "incrível" ou "fantástico", você pode **deixar o leitor tirar suas próprias conclusões** sobre as qualidades dos personagens.
- J Não esqueça a importância de **revelar os desafios dos personagens**. Isso não é para envergonhá-los ou condená-los, mas para torná-los reais. Talvez o líder de uma organização seja um visionário fantástico, mas um gerente inepto. Ou talvez ele tenha dificuldade para ganhar escala porque não está disposto a abrir mão do controle. Nós diríamos que é de fato mais útil retratar alguém de forma honesta do que transformá-los em heróis impecáveis.
- J Por trás de toda história sobre um poderoso agente de mudança, há uma vantagem oculta (o grande investimento inicial de uma tia, por exemplo), uma briga devastadora com um colaborador ou uma falha profunda. Não faça drama com isso, mas também **não se esquive de momentos sombrios** que podem ser instrutivos.
- J **Procure os personagens improváveis**. De fato, muitas vezes, o chamado beneficiário pode ser o catalisador para uma narrativa muito mais interessante do que o empreendedor social. Ou considere as pessoas dentro da organização, mas aquelas sem liderança posicional. Muitas vezes, grandes personagens são

ignorados porque não têm os títulos “CEO” ou “Diretor Executivo” acompanhando seus nomes. Geoff Dembicki, um repórter da área de sustentabilidade, dá um exemplo: “Descobri que, para certas especialidades – como as mudanças climáticas, por exemplo –, as reportagens tendem a se concentrar nos mesmos arquétipos repetidas vezes: o ambientalista menosprezado, o lobista astuto, o ignorante conservador etc. Às vezes, o aspecto mais interessante de uma história de soluções é o novo arquétipo que ela revela. Recebi muitos comentários positivos por causa da minha matéria sobre o perfil que fiz de um libertário instalador de painel solar, no Havaí, porque desafiava as concepções das pessoas sobre quem pode ou deveria estar interessado no meio ambiente. O simples fato de um arquétipo inesperado existir agora na imaginação das pessoas abre novas possibilidades de narrativa/debate.”

0 Comments

<https://learninglab.solutionsjournalism.org/pt/courses/basic-toolkit/basic-storytelling/heroes-vs-characters>